

Rudolf Lanz

Noções Básicas de ANTROPOSOFIA



ANTROPOSÓFICA

Noções básicas de Antroposofia

Rudolf Lanz

Noções Básicas de
ANTROPOSOFIA

7ª edição



ANTROPOSÓFICA

© Copyright Rudolf Lanz, 1983

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ANTROPOSÓFICA LTDA. — R. da Fraternidade, 174
04738-020 São Paulo - SP — Tel./Fax (011) 5687-9714
www.antroposofica.com.br — editora@antroposofica.com.br

Copy-desk e editoração:

Jacira Cardoso

1ª edição:1983 / reimpr. 1985

2ª edição:1988

3ª edição:1990 / reimpr. 1994 e 1995

4ª edição revista: 1997 / 5ª edição: 2000

6ª edição: 2002

7ª edição — 2005

ISBN 85-7122-024-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lanz, Rudolf, 1915—
Noções básicas de antroposofia / Rudolf Lanz. —
4. ed. rev. — São Paulo : Antroposófica, 1997.

ISBN 85-7122-024-7

1. Antroposofia I. Título

97-1506

CDD-299.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Antroposofia 299.935

Sumário

Prefácio / 9

Introdução / 11

A entidade humana / 17

Sono e sonho / 33

A morte. A vida depois da morte / 41

A evolução do homem / 47

I. Estados pré-terrestres / 47

II. O começo da existência terrestre / 52

III. Época pós-atlântica / 59

IV. A humanidade na encruzilhada / 66

O destino humano / 73

A evolução da criança / 79

O caminho do conhecimento / 89

A Sociedade Antroposófica Universal / 97

Indicações bibliográficas / 99

Prefácio

Este livro é o resumo de uma série de conferências que o autor proferiu diante de um público curioso de saber o que é a Antroposofia. Dirige-se a pessoas que sentem os problemas humanos e sociais de nossa época, expondo-lhes as idéias básicas da Ciência Espiritual Antroposófica. Não se pretende convencer ninguém ou fazer adeptos, nem levar a efeito qualquer propaganda da Antroposofia. Esta dispensa tais esforços e até os repudia, pois quer deixar intacta a liberdade de todos.

Quanto ao conteúdo, o autor o deve todo a Rudolf Steiner, fundador do movimento antroposófico. Em sua obra o leitor encontrará um universo de informações sobre todos os assuntos aqui mencionados. Uma obra como a de Rudolf Steiner deveria ser conquistada passo a passo, num esforço contínuo de estudo e meditação. A leitura das páginas que seguem não substitui, de maneira alguma, esse estudo. Ao contrário, chama-o; e aqueles, dentre os leitores, que entenderem o apelo contido na Antroposofia encontrarão facilmente o meio de aprofundar seus conhecimentos.

As imperfeições de um estudo como este são evidentes. Escolher numa obra gigantesca alguns capítulos para uma explicação sucinta e condensá-los em palestras num livro de introdução parece até temerário, e somente pode ser escusado pela absoluta falta de tempo para elaborar um livro novo e melhor estruturado.

Rudolf Lanz

Introdução

Com muita razão, nosso século é chamado de século da ciência e da técnica. Nunca antes tantos esforços e tanta inteligência foram consagrados ao conhecimento e ao domínio da natureza e das forças naturais. Nunca antes o homem teve em suas mãos tanto poderio e tantos instrumentos para multiplicar suas próprias forças.

Apesar disso, o homem sofre — também como nunca antes — da profunda preocupação que lhe causam as dúvidas e o medo, a frustração e o desespero; em uma palavra, o fato de nem a ciência nem a técnica terem sabido dar respostas às grandes perguntas eternas: — Quem sou? De onde venho? Aonde vou? Qual é o sentido de minha vida?

Toda ciência nasceu da curiosidade, do encontro com fatos inexplicáveis. Nossas ciências souberam explicar inúmeros fatos, dando ao homem um profundo saber das coisas ao seu redor. Mas a cada vez que ele volta a fazer as perguntas eternas, as respostas, ao invés de parecerem próximas e tangíveis, escapam-lhe sempre mais. Profundamente desambientado, o homem se esforça para esquecer, para furtar-se às dúvidas que o assediam. Mas quanto mais ele procura recalculá-las, mais intensas vivem elas em seu subconsciente, emergindo de vez em quando, com redobrada insistência.

As perguntas não param aí. Transcendendo sua própria individualidade, o homem especula sobre o destino do gênero humano. Surge o problema da evolução e, com ele, o da criação e da morte. Voltando a si próprio, ele procura em vão uma explicação para a essência de sua própria personalidade, dos valores espirituais. A filosofia moderna ensina-lhe que a 'realidade' e a 'verdade' são outras tantas ilusões. Tudo é relativo, incerto, incognoscível. A moral e os impulsos sociais perdem seus fundamentos.

Nada disso permanece no domínio da teoria e da especulação. Ao redor de si o homem vê o caos social, a impossibilidade de harmonizar o campo econômico, de disciplinar a política. Desmoronam-se os velhos pilares da vida em comum: família, autoridade, matrimônio.

nio, educação, religião, governo, etc., e uma juventude sem ideais, desiludida, 'transviada', apresenta contas à geração de seus pais, que lhe deixou tal herança.

De onde vem essa situação caótica?

As velhas religiões não souberam resistir ao impacto do racionalismo (Voltaire, Diderot) e da ciência (Darwin, Haeckel, Huxley, etc.). As respostas dadas pelas religiões às 'perguntas eternas' deixaram de ter seu valor e sua força. O homem moderno não quer fé nem crença; ele procura fatos e certezas.

Desde há muito a filosofia tem perdido o contato com a realidade humana e social. Seus maravilhosos sistemas do passado não falavam ao coração do homem. Seus ideais e seus edifícios espirituais, sublimes obras de alguns gênios privilegiados, constituíam torres de marfim, cuja aparente irrealidade contrastava vivamente com o império das ciências que passaram a revolucionar o pensamento do homem, desde suas tímidas manifestações no fim da Idade Média.

Começou então a era das ciências. Quanto orgulho encontramos na famosa resposta do astrônomo Laplace ao Imperador Napoleão, ao qual expusera sua teoria cosmogônica, e que lhe perguntou onde havia nesse sistema um lugar para Deus: *"Sire, je n'ai pas besoin de cette hypothèse"*. Mas a ciência trilhou um caminho que também a afastou gradativamente da 'realidade'. Reduzindo todas as qualidades a quantidades, exprimindo fenômenos sensíveis e 'reais' por leis e números, ela satisfaz o pendor do homem de procurar compreender racionalmente o mundo; mas esse mesmo mundo ficou privado de suas 'qualidades' que apelam aos sentidos e aos sentimentos.

Vejamos a hipótese grotesca de um indivíduo que consulta os catedráticos de uma universidade sobre o que lhe parece serem os mais altos valores humanos: as obras de arte, os ideais da religião e da moral.

O antropólogo ou sociólogo lhe explicará que se trata de manifestações da psique, de projeções e sublimações de caráter anímico. Consultando em seguida o psicólogo sobre o que seria essa psique, essa alma do homem, nosso estudioso aprenderá que a 'alma', se é que existe, é condicionada por fatores fisiológicos como a libido, ou por substâncias biológicas como os hormônios, etc. Depressa

nosso curioso correrá ao catedrático de biologia para saber algo mais sobre a vida e suas manifestações. Este, conhecendo as últimas descobertas da bioquímica, responderá: “A vida é um conjunto de estados e funções de certos agrupamentos moleculares, de forma e estrutura definidas (ácido desoxirribonucléico, etc.). A vida e suas manifestações? Uma série de reações químicas de substâncias simples, conhecidíssimas! Próximo ao desespero, nosso homem irá ver o professor de química para saber o que são na realidade essas substâncias. O químico, se for honesto, lhe dirá: “Meu caro amigo, eu posso descrever-lhe as propriedades dos elementos, mas na realidade não sei o que é a matéria. Vá ver meu colega do departamento de física atômica”. E, se não perdeu todas as esperanças, nosso amigo as perderá desta vez. Com efeito, sua pergunta “o que é a matéria?” merecerá apenas um sorriso irônico: “A matéria não existe. Ela é uma hipótese de trabalho. Tudo se reduz a partículas, que podem ter características de massa, ou de carga elétrica e de velocidade; mas na realidade não se trata bem de corpúsculos — nós inventamos essa imagem para maior comodidade, mas na realidade nada sabemos. Tudo se passa de acordo com certas fórmulas matemáticas que contêm até elementos sem significado para os nossos sentidos”. Mas esse ‘tudo...’ é ‘nada’.

E se nosso homem insistir, aprenderá ainda que o tempo é relativo, que o espaço (imaginado por ele como uma espécie de meio vazio, onde se encontram os objetos) é curvo e finito, embora ilimitado, e que a lei do determinismo (causalidade), base de todos os seus raciocínios anteriores, não é válida no reino de fenômenos muito pequenos (fótons, por exemplo), constituindo no mundo ‘tangível’ apenas uma lei estatística. Finalmente, ele saberá que no domínio do infinitamente pequeno a observação ‘objetiva’ é impossível, porque o observador, pelo próprio fato de observar com os instrumentos apropriados, falseia os resultados observados...

Estamos vendo que a própria ciência leva a absurdos! Ela própria, que pretendia dar a certeza e descobrir a ‘verdade’, destrói a realidade. Tudo reduzido a corpúsculos e fórmulas: eis o mundo na interpretação da ciência de hoje. Não resta a menor base para valores éticos ou para impulsos espirituais.

Como sair desse beco sem saída?

Na ciência moderna existem correntes que admitem — ou, antes, postulam — certos princípios extrafísicos. A própria física atômica chega a esse extremo (Heisenberg, Einstein), a biologia o faz (teorias gestaltistas, Portmann), mas sempre reconhecendo que chegamos a um limite que a ciência não pode transpor. A ciência atual tem, portanto, de confessar sua incapacidade, pois admite componentes que não podem ser captados pela observação nem pelo raciocínio.

Mas o homem não se dá por satisfeito; sabe que 'ele é'! Sabe que está aí, pensando, duvidando, sofrendo. Tem a certeza de existir nele algo mais do que corpúsculos e forças físicas. Tem a intuição de um fato espiritual: o eu, a 'Nona Sinfonia', a *Divina Comédia*, são para ele realidades. Cada pensamento é uma realidade, cada ato de amor ou ódio é algo palpável, e o teorema de Pitágoras lhe parece, em sua abstração, pelo menos tão correto como os corpúsculos e elétrons da física atômica.

Existe, pois, para ele, uma realidade mais ampla que contém aspectos físicos e não-físicos. O mundo físico é explicado pelas ciências, mas, como já vimos, estas chegam a limites intransponíveis. E a parte não-física, que o homem experimenta e vivencia como um dado imediato de sua consciência? Ele não se dá por satisfeito pela simples crença nesse domínio inabordável, pela fé no que alguma religião lhe transmitiu como 'revelação'. Ora, o homem moderno quer saber — quer conhecer. Ele sabe que sua dignidade de homem estará em jogo se não aspirar a esse conhecimento. Daí suas perguntas eternas! Ele quer entrar conscientemente nesse reino fechado e, aparentemente, proibido para sempre.

Mas como? Quais as possibilidades? Pesquisar mais profundamente o mundo sensorial ao seu redor? Mas ele já sabe que o próprio método científico atual desnuda esse mundo de toda 'realidade' e que acaba encontrando limites fechados.

Voltar à religião? Mas ele fugiu justamente da religião porque esta não conseguiu satisfazer sua sede de saber, de conhecer. Voltar à crença, à fé cega? Nunca!

Desnorteados, o homem que chegou a esse impasse tende a refugiar-se em qualquer instituição ou cosmovisão que lhe narcotize a consciência, as dúvidas e sofrimentos. Experiências sensacionais se lhe oferecem como paliativo ou diversão, como pseudo-resposta; religiões pessimistas antigas, como o budismo, com sua profissão de fuga deste mundo; práticas místicas como a ioga, caminho empregado numa época remota; o espiritismo, com seus fenômenos sensacionistas e fora de qualquer controle lúcido da consciência. Bem-aventurados os que ainda encontram em tal caminho uma pseudo-solução; pois os outros, quando não se entregam a drogas alucinógenas ou decaem na indiferença, no niilismo ou em atividades 'existencialistas' (completamente alheias ao existencialismo filosófico de um Heidegger ou de um Sartre), preconizam honesta e cinicamente o triunfo do vazio e do sem-sentido. São os *angry young men*, os *playboys*, os sacerdotes do Absurdo...

Mas voltemos ao nosso dilema. Temos o mundo físico conhecido, objeto de nossos sentidos e das ciências; é o mundo em que vivemos. De outro lado, sentimos que existe um domínio não-físico, impalpável, mas cuja existência sentimos com uma certeza, por assim dizer, direta, inata.

Não haveria possibilidade de conhecer algo desse outro mundo, de investigá-lo cõscia e cientificamente, por meios adequados, conservando a plena consciência, o espírito crítico, o raciocínio? Em outras palavras: estender conscientemente o campo da pesquisa a esse *back-ground* espiritual do nosso mundo sensível? Se essa possibilidade existisse, não valeria a pena examiná-la, conhecer-lhe o caminho cognitivo e os resultados porventura alcançados?

Pois bem, a Ciência Espiritual Antroposófica ou 'Antroposofia', fundada e estruturada por Rudolf Steiner, afirma seguir essa via. Ela não é religião nem seita religiosa. Distingue-se da especulação filosófica por seu fundamento em fatos concretos e verificáveis, e distingue-se de caminhos esotéricos como o espiritismo pelo fato de o pesquisador, conservando-se dentro dos métodos por ela preconizados, manter a sua plena consciência, sem qualquer transe, mediunismo ou estados extáticos ou de excitação artificial.

A Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência ‘comum’. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete com suas descobertas. Sobre tudo tem feito, em todos os domínios da vida prática, muitas contribuições e inovações concretas e positivas — o que constitui a verdadeira pedra-de-toque de seus princípios. Assim sendo, na medicina, na farmacologia, na pedagogia, nas artes, nas ciências naturais e na agricultura ela fez contribuições de grande importância, sobre as quais existe uma abundante literatura.

Mas como toda boa ciência, a Antroposofia não se limita a afirmar, a expor resultados; indica seu método e o caminho cognitivo que deve ser seguido para alcançar o conhecimento dos fatos expostos, nunca exigindo fé cega. O estudioso da Antroposofia deve manter seu espírito bem vigilante; só ficará satisfeito quando as doutrinas antroposóficas confirmarem as descobertas da ciência comum ou trouxerem uma solução para um problema que, sem aquela, teria ficado insolúvel.

Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará alguns fatos e algumas idéias básicas da Antroposofia. Não pretendo, de maneira alguma, ser completo. O leitor deverá compreender a dificuldade de minha tarefa, pois a Ciência Espiritual Antroposófica é um conjunto, um edifício completo e complexo, com muitas portas de acesso. Podemos entrar somente por uma porta de cada vez. A visão de conjunto aparecerá só mais tarde, e até lá devo solicitar paciência e compreensão. Certamente o leitor se sentirá recompensado por sua perseverança.

Antroposofia significa ‘sabedoria do homem’. Mas não se trata apenas de antropologia; trata-se, na realidade, de uma ciência do Cosmo, tendo por centro e ponto de apoio o homem. Por isso, começaremos nosso estudo por uma análise do ser humano.

A entidade humana

A Bíblia nos conta que Deus formou o primeiro homem do ‘pó da terra’, fazendo ressaltar, dessa maneira, que o corpo do homem é constituído pela mesma matéria do mundo que o circunda. De fato, a química confirmou que todos os elementos constitutivos do corpo encontram-se também na natureza ao seu redor. O mesmo cálcio, fósforo, ferro, hidrogênio ou carbono entram na composição de ambos. Essas substâncias entram no corpo e dele saem num fluxo contínuo, seja pela respiração, seja pela nutrição. Os processos do metabolismo são amplamente conhecidos, e a ciência materialista até compara o corpo a um grande laboratório químico. Veremos que esta imagem é um tanto correta, embora esteja, na realidade, longe de corresponder completamente à verdade.

O conhecimento da matéria, inclusive aquela que constitui nosso corpo, nos é dado pelos nossos sentidos. O conjunto dessas substâncias forma o reino mineral, e podemos dizer que em sua parte corpórea os seres dos outros reinos (vegetal, animal e humano) contêm as mesmas substâncias que se chamam ‘inorgânicas’ no reino mineral. A matéria inorgânica encontra sua expressão mais típica no cristal. Conceitos químicos, físicos e matemáticos explicam todos os fenômenos do mundo físico (inorgânico) — seja a transformação de formas de energia, seja a combinação de elementos simples em substâncias mais complicadas.

Podemos dizer que, de maneira geral, as causas de todos esses fenômenos se encontram no mundo sensível ou físico. A relação entre causas e efeitos é constante e permite estabelecer as chamadas ‘leis da natureza’. Extrapolando as leis descobertas nos últimos séculos, os astrônomos e astrofísicos estabeleceram teorias sobre os fenômenos extraterrestres, afirmando a identidade das leis da natureza em todo o Universo. Essa atitude, seja dito entre parênteses, é uma conquista da ciência moderna; um observador grego ou medieval nunca teria ousado submeter os mundos extraterrestres às mesmas leis que explicam os fenômenos terrestres.

Se compararmos o mundo inorgânico, de um lado, e os seres do reino vegetal, animal e humano, de outro, veremos que estes se diferenciam daquele pelo que chamamos de vida. Nós assistimos a fenômenos novos que o reino mineral desconhece: crescimento, formas típicas, regeneração, reprodução, metabolismo, etc. Vemos também que os elementos químicos formam substâncias de estrutura mais complexa e de grande labilidade química, como a albumina, o protoplasma, etc. Observamos, finalmente, que os seres orgânicos têm uma existência limitada no tempo; eles nascem e morrem, enquanto uma pedra nunca cessa de ser uma pedra, a não ser que forças vindas de fora, e não inerentes à sua própria essência, venham a modificar ou destruir-lhe a forma.

Parece, pois, que nos seres orgânicos existe algo além da pura substancialidade, subtraindo a matéria às leis inerentes à sua própria natureza. No momento da morte, esse 'algo' deixa de existir, ou pelo menos de atuar: o corpo morto passa a ser um cadáver, e, como tal, sua substância volta a obedecer exclusivamente às leis do mundo inorgânico: o organismo se decompõe, perdendo sua forma e estrutura específicas e retornando ao reino do 'pó da terra'.

Podemos, portanto, afirmar que os seres orgânicos seguem leis opostas — ou pelo menos alheias — às leis químicas e físicas do mundo mineral.

Além disso, verificamos que cada ser orgânico tem sua forma particular. Podemos imaginar duas sementes compostas, quimicamente falando, dos mesmos elementos; apesar disso, uma formará uma planta de um determinado tipo e a outra uma planta de espécie e aspecto totalmente diferentes, pois cada uma segue, para sua estrutura, um modelo próprio. Essa autonomia da forma orgânica vai muito longe. Cada planta, por exemplo, tem sua silhueta típica. Se lhe podarmos a folhagem, ela a restabelecerá automaticamente. Até os seres mais elevados, como o homem e os mamíferos, têm essas faculdades dentro de certos limites: uma ferida 'cicatrizada', isto é, a forma original se restabelece como se alguma força plasmadora central comandasse o comportamento dos tecidos vizinhos no sentido de uma volta ao aspecto anterior.

Poderíamos continuar essa comparação. Descobriríamos que os minerais realizam sua existência apenas no espaço, não sofrendo qualquer processo de desenvolvimento (vamos deixar de lado fenômenos particulares, como a radioatividade espontânea ou o envelhecimento dos metais), enquanto as plantas (e os animais, e o homem) têm uma evolução no tempo.

O cristal é 'auto-suficiente'. Ele existe e dura por si, não podendo ser produzido 'de fora'. O organismo vivo necessita de influências exteriores para sua existência: a luz solar e a corrente ininterrupta da respiração e do metabolismo são fatores imprescindíveis para o crescimento e todas as demais manifestações da vida.

Até aqui, nada de novo para um leitor que costuma observar, sem preconceitos e de olhos abertos, os fenômenos ao seu redor. A biologia moderna procura minimizar as diferenças entre os reinos inorgânico e orgânico, afirmando que este é, por assim dizer, uma continuação, sem hiato, daquele. Para isso, invoca a existência de seres orgânicos decadentes, ou vírus, que constituem formas de transição. Na realidade nunca se deve recorrer a formas decadentes ou de transição, mas a representantes típicos de ambos os reinos para fazer uma comparação eficiente. E, nesse caso, a presença daquele 'algo' já citado é inegável.

Mas o que será esse 'algo'?

Doutrinas vitalistas do passado e do presente ensinam que há uma força vital permeando os seres orgânicos. Mas com o emprego desse termo, coloca-se apenas um rótulo numa incógnita, sem qualquer verdadeira explicação. Essa atitude certamente não seria apropriada para um cientista.

A Antroposofia oferece a seguinte explicação: os seres orgânicos possuem, além de seu corpo mineral ou físico, um conjunto individualizado e delimitado de forças vitais, ou seja, um segundo corpo não-físico que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo é o conjunto das forças que dão 'vida' ao ser e impedem a matéria de seguir suas leis químicas e físicas normais. Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, chamou esse segundo corpo de 'corpo plasmador' ou 'corpo de forças plasmadoras'. Por motivos cuja explicação ul-

trapassa o âmbito deste livro, esse corpo vital é também chamado de 'corpo etérico'.

O corpo etérico não existe, pois, nos minerais; existe, sim, nas plantas, nos animais e no homem.

Assim como o corpo físico é constituído de substâncias físicas, o etérico extrai sua substância de um plano etérico geral (temos de empregar este termo 'substância', embora estejamos conscientes de que em domínios não-físicos não se deva, a rigor, empregar termos buscados no plano sensorial; mas nossa linguagem é elaborada para as coisas deste mundo, e não há palavras apropriadas para exprimir exatamente o sentido e a essência de fenômenos de outros planos. Esta observação é válida para todos os termos que empregaremos a seguir). Como o corpo físico é uma aglomeração individualizada de substâncias químicas, assim o corpo etérico é um verdadeiro 'corpo', embora não seja perceptível aos nossos sentidos comuns.

Aqui surge uma primeira grande dúvida: como é que a Antroposofia pode afirmar a existência de tal corpo? Não será uma afirmação gratuita, simples postulado ou hipótese, em nada mais válida do que tantas outras hipóteses ou teorias inventadas pela ciência e pelas religiões? Assim seria se o corpo etérico fosse apenas um conceito, uma abstração. Na realidade, porém, o corpo etérico pode ser observado: sua existência pode ser vivenciada, suas funções podem ser analisadas e investigadas por experiência própria e direta.

Mas como?

Nossos sentidos comuns só nos revelam objetos e forças físicas. A Ciência Espiritual, porém, nos revela que o homem possui, além dos sentidos físicos, sentidos superiores que lhe possibilitam observar fenômenos de planos mais elevados. Ou antes: ele possui esses sentidos em estado latente, podendo despertá-los por meio de um treino adequado, sobre o qual falaremos mais tarde. Afirma a Antroposofia que em épocas remotas todos os homens possuíam esses sentidos, que lhes proporcionavam uma vidência supra-sensível. Mesmo em épocas posteriores, sempre houve indivíduos privilegiados possuidores dessa clarividência, ao passo que a maioria dos homens já a havia perdido (veremos mais tarde por que e em quais condições isso se

deu). No futuro, os homens voltarão a possuir esses sentidos superiores em pleno funcionamento. A Antroposofia indica o caminho que permite ao homem moderno, com a conservação de sua plena consciência, despertá-los pouco a pouco.

O corpo etérico pode ser 'visto' (naturalmente não se trata de visão pelos olhos físicos) pelos indivíduos que atingiram um certo grau de clarividência. Em todas as épocas da História houve tais iniciados, e suas descrições são concordantes sobre este e sobre os demais 'objetos' da Antroposofia.

Na realidade, a Antroposofia nada afirma de novo nesse ponto. O esoterismo hindu, egípcio, tibetano ou grego conhece esse corpo etérico, e as correntes mais recentes reproduzem essa velha sabedoria em termos científicos modernos, de acordo com o grau de evolução alcançado pelo homem do século XX.

O corpo etérico mantém a vida e atua contra a morte; esta aparece como transição para um estado puramente mineral. Nos seres vivos, assistimos a um processo de mineralização cuja presença no corpo humano pode ser facilmente observado; isso constitui um enfraquecimento progressivo das forças plasmadoras do corpo etérico até o momento da morte, que marca o triunfo total das forças mineralizantes.

É curioso observar, a esse respeito, o fato de inspirados pensadores do passado já terem afirmado que a vida é um contínuo morrer. Basta comparar um recém-nascido e um ancião para se compreender a profunda verdade dessa afirmação. No recém-nascido, a vitalidade está em seu ponto máximo: o corpo é mole, elástico, plasmável; a consciência, o intelecto e todas as atividades psíquicas ainda não são desenvolvidas e a criança vive, por assim dizer, entregue às suas funções vitais e vegetativas. No adulto, e mais ainda no ancião, o corpo é ressecado, desvitalizado; as funções biológicas são reduzidas e sujeitas a estados patológicos (disfunções, atrofias, esclerosamento, mineralização, etc.); em contrapartida, as faculdades mentais, a consciência e o autodomínio estão plenamente desenvolvidos, atingindo um ponto culminante na serenidade e na sabedoria contemplativa da velhice (desde que a fraqueza física não constitua um empecilho).

As numerosas doenças da velhice (esclerose, gota, cálculos, etc.) são uma indicação do triunfo progressivo das forças mineralizantes sobre as forças etéricas. Os depósitos, muitas vezes cristalinos, constituem uma invasão de matéria 'morta' no corpo vivo.

Seja permitido, aqui, observar que as forças etéricas não se enquadram na 'causalidade' mecânica e determinista que prevalece no mundo físico. Como exemplo, a planta cresce 'para cima', em sentido oposto à força de atração terrestre.

Já vimos que o mineral encontra sua forma mais expressiva no cristal, ou seja, na matéria em estado sólido. Os fenômenos vitais ocorrem só em meio úmido ou líquido. Não existe vida sem água. Se voltarmos uma vez mais ao nosso exemplo do recém-nascido e do ancião, veremos que o corpo do primeiro contém proporcionalmente muito mais água.

Os próprios depósitos (cálculos, artrite) constituem solidificações em lugares onde o organismo plenamente vitalizado deve conter apenas líquidos, colóides ou outras formas ainda plásticas e maleáveis.

Em resumo, a planta (e, por extensão, o animal e o homem) aparece composta de substâncias físicas (matéria) que se colocam 'ao longo' de um corpo etérico, sendo que este poderia ser comparado a um campo de forças invisíveis. Assim como a limalha de ferro se coloca nas linhas do campo magnético, assim a matéria 'preenche' a forma não-física do corpo etérico. Mas enquanto o campo magnético é estático, o corpo etérico, além de dar forma, provoca também toda a dinâmica das funções vitais. Ele atua no espaço e no tempo, de acordo com as leis específicas do plano etérico. Além disso, o campo magnético ainda é um fenômeno produzido por forças inerentes à matéria, ao passo que as forças etéricas são de ordem superior.

*

Vejamos agora se podemos estabelecer uma diferença entre o reino vegetal e o reino animal (e humano). Uma observação empírica e sem preconceitos pode revelar-nos os seguintes fatos:

Tanto o animal como a planta vivem; mas enquanto a planta aparece como um ser adormecido, em estado de 'sono', o animal

vive em estado de vigília, caracterizado por uma consciência que já se manifesta nos animais mais primitivos — ou antes: o animal passa por estados alternados de sono e vigília. Durante estes últimos, ele sente e reage; tem impulsos (procura de alimento, de parceiros sexuais), manifesta atitudes de atração (simpatia) e repulsa (antipatia), pode ‘aprender’, etc.

Por outro lado, nós verificamos que a planta é aberta: a superfície da folha (módulo constitutivo da planta, de acordo com a genial descoberta de Goethe*) está exposta e permeável às forças de fora. Ela não tem vida ‘interior’. O animal, por seu lado, parece-nos mais ‘fechado’, mais isolado do mundo externo; e isso não apenas fisicamente. Existe nele uma espécie de espaço interior, que não é apenas físico (estruturação do sistema do corpo, órgãos com funções definidas, etc.), mas também anímico. No animal há um ‘mundo próprio’ de reações, instintos, atitudes, graças ao qual ele ocupa um lugar isolado dentro da natureza, enquanto a planta é entregue ao mundo, sendo a cada momento atravessada por suas influências.

Enquanto a planta se realiza no tempo com o surgimento gradativo de suas partes, o animal está pronto e completo desde seu nascimento. Ele cresce em tamanho, mas não se diversifica (vamos desprezar aqui fatos como a metamorfose dos insetos, que tem outra explicação).

Novamente podemos dizer que as sucintas observações precedentes não constituem novidade alguma para um observador atento. O que a Antroposofia acrescenta de novo é uma descoberta de suma importância: todos os fenômenos aludidos são ligados à existência de um veículo que não existe nas plantas, mas que está presente nos animais. É esse veículo que permite ao animal ter sensações, simpatias e antipatias, instintos e paixões. No homem ele torna possível toda a gama emocional, desde o instinto mais primitivo até os sentimentos mais nobres e sublimes.

Também esse veículo aparece como um ‘corpo’, mas de uma ‘substancialidade’ ainda mais refinada e sutil do que a do corpo etéri-

* V., nas ‘Indicações bibliográficas’: Goethe, J. W., *A metamorfose das plantas*.

co. Um grau mais elevado de vidência permite ao iniciado perceber esse corpo por meio de uma outra série de órgãos superiores (dos quais falaremos mais tarde). Esse corpo, veículo de sensações e sentimentos, pode ser chamado de 'corpo dos sentimentos'. Rudolf Steiner deu-lhe o nome de 'corpo astral'. Sem querer entrar aqui em detalhes sobre as razões dessa denominação, quero apenas lembrar que antigas correntes esotéricas vislumbravam uma relação entre as forças planetárias (em latim: *astra*), os órgãos do homem e sua vida anímica. Daí o nome 'corpo astral'.

Estamos, pois, em presença de mais um 'corpo' que permeia o corpo visível do homem e do animal. Ambos possuem, portanto, além do corpo físico e do corpo vital (ou etérico), esse terceiro membro de sua entidade, pelo qual participam de um terceiro plano, o chamado plano astral.

Esse corpo astral é 'superior' ao corpo etérico, dominando-o. Ele provoca no corpo físico e no corpo etérico a especialização de funções, que se traduz pelos órgãos ociosos. Enquanto a folha, unidade constitutiva da planta, é plana e pode ser considerada como bidimensional, o corpo de qualquer animal contém esses espaços tridimensionais vazios, cuja primeira aparição se dá no estado de gástrula do embrião. Esse vazio foi, desde tempos remotos, posto em relação com o ar; de fato, o elemento atribuído ao mundo animal era o ar (no sentido da divisão antiga do mundo em quatro elementos). Como o conjunto das forças anímicas também é chamado 'alma', podemos estabelecer paralelos interessantes entre as palavras latinas: *anima* (alma), *animus* (vento, ar, sopro) e *animal* (animal).

A presença do elemento 'ar' se manifesta de muitas maneiras. Os animais superiores possuem a faculdade de manifestar seus estados anímicos pela voz, pelo grito, utilizando para isso o ar. Enquanto nas plantas a respiração é uma corrente contínua (diferente da fotossíntese), na maioria dos animais ela se efetua como alternância rítmica entre inspiração e expiração. Quanto mais um animal se afasta das funções puramente vegetativas (que o aproximam ainda da planta), mais o elemento 'ar' passa a dominar sua vida.

Mas voltemos à nossa caracterização do animal frente ao reino vegetal. Dissemos que o animal é mais fechado, mais separado do mundo. Para compensar esse isolamento, o animal inova em três domínios:

1. Ele se move em seu ambiente. O movimento lhe permite tomar a atitude ou buscar o lugar mais propício para a realização de seus intentos (fuga, sexo, fome, etc.). Todo movimento é dirigido.
2. Ele emprega um sistema sensorial e nervoso que estabelece o contato com o mundo.
3. Ele vive e age com uma certa consciência.

Essa consciência faz o animal reagir de maneira típica e característica para cada espécie. Não se trata, evidentemente, de uma consciência lúcida, individual, pois não podemos falar de indivíduos entre os animais. Todos os exemplares de uma espécie se comportam e reagem de maneira igual, como se um impulso de grupo lhes orientasse a vida. Por esse motivo, Rudolf Steiner não atribui aos animais uma 'alma' individual, mas antes uma alma de grupo que se manifesta por meio dos corpos astrais de todos os membros de uma espécie.

Falando mais especificamente do corpo astral humano, a clarividência revela que seu 'aspecto' depende dos sentimentos que prevalecem no indivíduo observado. O vidente fala em 'coloração' desse corpo astral, embora naturalmente não se trate de cores físicas. Quanto mais puros e menos egoístas os sentimentos, mais claro e brilhante o corpo astral, ao qual se dá também o nome de 'aura'. Daí o costume de representar o corpo ou a cabeça de pessoas 'santas' envoltos em uma aura clara e luminosa ('mandorla', na Índia; 'auréola', na pintura ocidental). Essa era uma tradição cujas origens remontam a épocas quando ainda se podia perceber o corpo astral como resultado de uma clarividência genérica.

*

Demos agora mais um passo procurando diferenciar o homem do animal. Devemos questionar se o homem é apenas um animal

evoluído, com certas faculdades existentes neste porém mais aperfeiçoadas e desenvolvidas, ou se é fundamentalmente diferente de qualquer animal, possuindo algo a mais que o distingue deste.

As teorias evolucionistas tradicionais seguem a primeira hipótese, fazendo o homem descender em linha reta do animal. As grandes religiões viam no homem um ser basicamente diferente do animal. A Antroposofia é da mesma opinião.

Com efeito, os animais não têm individualidade; eles são dirigidos por almas de grupo; todas as tartarugas, baleias ou abelhas reagem de maneira idêntica e típica, como se seus impulsos fossem dirigidos de fora. (Para estas considerações deve-se tomar, como exemplos típicos, os animais selvagens; os domésticos já sofreram a influência do homem.) No homem aparece a verdadeira individualização. Cada homem é um ser único, singelo, diferente de todos os demais seres humanos.

Enquanto os animais atingiram um estado de vigília ao qual não hesitamos em dar o nome de consciência, só o homem tem consciência de si próprio — a autoconsciência, que lhe permite ter plena noção de si mesmo frente ao mundo.

Isso pressupõe uma série de faculdades que não encontramos no animal:

1. Só o homem pode pensar, opor-se ao mundo numa relação sujeito-objeto. Ele pode representar suas vivências sensoriais de maneira abstrata e elevar-se a representações, conceitos e idéias. Não seria impossível ensinar a um rato ou a um cachorro como encontrar seu caminho num labirinto; mas só o homem pode, uma vez percorrido o trajeto adequado, sentar-se junto a uma mesa, imaginar abstratamente o labirinto e fazer deste um desenho. Qualquer abelha constrói favos perfeitamente hexagonais, mas só o homem pode compreender as relações geométricas e o princípio de construção de um hexágono regular.
2. O animal está entregue às sensações e sentimentos. Cessando a causa que lhe provoca uma sensação ou sentimento, acaba também o estado anímico. O homem possui a durabilidade dos sen-

timentos, para além da presença da causa. Mais ainda — ele pode provocar um sentimento por pura representação mental: eu posso pressentir os gozos gastronômicos pela simples imaginação de um suculento jantar.

3. O homem tem memória, o animal não! Tal afirmação parece temerária ao se pensar na alegria de um cachorro quando seu dono volta após uma ausência prolongada. Porém uma coisa é memória; outra é o fato de reconhecer. No caso do animal, a sensação, agradável ou não, repete-se quando a mesma causa está presente. A presença do dono provoca sempre e a cada vez a mesma reação; mas para isso é necessária a presença física do fato causador. O cachorro pode até sofrer quando lhe falta essa presença; mas só o homem pode representar, sob forma de imagens, um ser ou uma situação da qual não há mais vestígio. A memória, como faculdade de recordar mentalmente qualquer situação vivida, é uma faculdade exclusivamente humana.
4. Das três faculdades descritas nasce a capacidade do homem para livrar-se das influências do meio, isolando-se por completo e podendo até resistir a essas influências. Nenhum animal pode dominar seus instintos por uma decisão autônoma. O homem pode dominar-se, renunciar a um prazer ou à satisfação de um desejo; ele pode ponderar vários motivos, imaginar as conseqüências futuras de um ato ou lembrar concretamente as conseqüências de um ato passado. Tudo isto é impossível ao animal.
5. Em conseqüência disso, só o homem pode ter a liberdade de agir, de escolher conscientemente entre vários atos possíveis. Somente ele pode agir moral ou imoralmente; o animal segue trilhas fixas e predeterminadas pelas características de sua espécie. Ele é irresponsável.

O homem possui, pois, um centro autônomo de sua personalidade, que constitui o âmago de sua essência e do qual ele tem uma experiência direta e insofismável. Ao falar desse centro ele diz 'eu', sendo esse 'eu' ou ego — a verdadeira parcela espiritual — o que o distingue do animal.

Além e acima dos três 'corpos' inferiores (físico, etérico e astral) o homem possui, pois, um quarto elemento constitutivo de sua entidade. Ou melhor: ele *é* esse 'eu' (ego), ao qual os três corpos servem apenas de base ou envoltório.

Por intermédio de seu eu, o homem participa de um plano que é superior ao plano astral ou anímico, podendo ser chamado de espiritual; possui um elemento espiritual individualizado e singelo que constitui o centro de seu ser. O eu lhe confere sua personalidade; o eu pensa, sente e deseja por seus corpos inferiores; o eu ama e odeia, comiça e renuncia, comete atos bons e atos maus.

Desde há muitos séculos os poetas falam de 'fogo' da personalidade, do amor e do ódio. E isso com muita razão, pois o elemento do fogo é, por assim dizer, o apanágio espiritual do eu.

Assim, pois, vemos os quatro membros da entidade humana relacionar-se, de certa forma, com os quatro 'elementos' dos gregos.

Como elemento espiritual autônomo, o eu não está sujeito às limitações do espaço e do tempo. Ele é eterno, independente e alheio às características passageiras de seus corpos inferiores. Estes estão a serviço do eu, constituindo seu veículo na vida terrena.

A presença do eu faz o homem. Dessa presença os corpos inferiores recebem suas feições e funções diferentes das que existem nos animais e nas plantas. Assim, por exemplo, o pensar e a memória estão ligados ao corpo etérico, o qual, na planta, serve exclusivamente a tornar possível a 'vida'. Não é ele que pensa, mas, por exemplo, constitui para a memória o meio onde se 'guardam' as experiências passadas. Da mesma maneira, o cérebro é imprescindível para o pensar; mas naturalmente não é o cérebro que pensa; ele serve ao homem apenas como veículo físico para o pensar.

O mineral, a planta e o animal são criações. O homem é criação e criador. Criado por forças exteriores a ele, libertou-se dessas forças criadoras, tornando-se autônomo e criador. Ele continua a obra da Criação; como pensador, filósofo ou artista, acrescenta ao mundo algo de novo. Sua liberdade está em oposição ao determinismo inelutável que domina os reinos inferiores.

Por meio do eu o homem pode dominar e purificar seus sentimentos, instintos e paixões. O espírito é, de certa forma, um adversário daquilo que, em nós, é meramente anímico. Toda a ética tem sua razão de ser nesse antagonismo.

Mais adiante veremos que o princípio da evolução reina em toda a existência, embora de maneira bem diversa da imaginada pelo darwinismo e outras escolas bio-históricas. O homem nem sempre foi homem, e futuramente deverá alcançar estados superiores ao meramente humano.

O homem se desenvolve não somente pela aquisição de novos conhecimentos e técnicas. Ele evolui sobretudo pelo aperfeiçoamento de suas faculdades anímicas, mentais e morais. Sua própria 'egoidade', o grau de sua consciência e de sua maneira de pensar evoluíram no passado e evoluirão no futuro. Ele vive e viverá adquirindo novas faculdades.

*

Já vimos que o corpo astral é o veículo para sensações e sentimentos, instintos e atividades psíquicas conscientes e inconscientes. Do convívio do eu com esse corpo e com os corpos inferiores nasceu um conjunto autônomo de atitudes e faculdades vulgarmente denominadas 'alma'.

A alma, distinta da corporalidade e do eu, constitui, pois, como que um elemento de ligação entre o eu e o mundo. O eu sente a age por esse instrumento. Contudo, essa alma não é homogênea. Ela possui faculdades que fizeram gradativamente sua aparição no decorrer da História.

Diremos que a 'alma' se manifesta de três formas. Para maior simplicidade, a Antroposofia fala até mesmo em três almas (Aristóteles e outros já haviam falado em várias almas), ou seja:

1. *Alma sensível ou alma da sensação* — traz a consciência das sensações, a vivência de uma impressão sensorial — por exemplo, de uma cor, de uma obra musical, de uma dor. Por meio da alma sensível o homem vivencia o mundo.

2. *Alma do intelecto ou do sentimento* — por seu intermédio o homem formula pensamentos; põe em ordem as sensações recebidas, compreende o mundo, constrói o universo interno de representações mentais, de pensamentos e de idéias. A abstração e o pensar conceitual são resultados da existência dessa alma do intelecto. Ciência e filosofia são seus frutos.
3. *Alma consciente ou alma da consciência* — traz ao homem a consciência dos conteúdos não-materiais do mundo ('idéias') e de sua própria individualidade, bem como o choque entre seu ego e o mundo. Ele se sente distanciado, abandonado; em consequência, sofre por seu isolamento, duvidando de tudo e não se dando mais por satisfeito com explicações fornecidas pela alma racional.

Um grande esforço é necessário para o homem poder transpor o abismo que a própria alma consciente rasgou entre ele e o mundo. Num trabalho árduo, ele deve restabelecer a ligação entre a parcela espiritual de seu eu e a espiritualidade universal.

Esse esforço já nos conduz ao desenvolvimento futuro da humanidade. Com efeito, as três almas são o fruto da simples existência do eu e dos três corpos inferiores. Mesmo sem qualquer atuação consciente do eu, as três almas se desenvolveram pouco a pouco, ao longo da história do homem. No futuro, o eu, que entretentes terá atingido a plena maturidade e autoconsciência, deverá tomar seu destino nas próprias mãos. Ele impregnará com suas próprias forças e propriedades os três corpos inferiores, começando pelo corpo astral, que lhe oferece menor resistência do que os corpos etérico e físico, mais 'densos' e menos maleáveis. Nesse trabalho árduo e difícil de 'espiritualização' consciente dos corpos inferiores, o eu criará, por assim dizer, novos membros futuros, novas camadas de seu ser. Ele se abrirá ao Espírito Cósmico para transformar os impulsos recebidos 'de cima' em aperfeiçoamento e purificação dos corpos astral, etérico e físico.

O corpo astral, assim espiritualizado por um trabalho consciente do homem, constituirá, pois, um futuro novo 'corpo' do homem. Steiner o denominou 'personalidade espiritual' (*Geistselbst*). O cor-

po etérico transformado, segunda etapa da evolução futura, é o 'espírito vital' (*Lebensgeist*). O corpo físico, quando imagem pura e regenerada do mundo espiritual, é chamado 'homem-espírito' (*Geistmensch*).

Com tais perspectivas do futuro, chegamos bem longe da atualidade. No presente, como já vimos, o homem é constituído pelos quatro membros de sua entidade, acima descritos.

- O eu, sua verdadeira entelúquia, é o centro de seu ser. Ele é o indivíduo.
- O corpo astral recebe os impulsos e impressões dos mundos físico e superiores. Com ele o homem reage, pensa e entra em intercâmbio com a realidade .
- O corpo etérico lhe dá a vida e fornece o instrumento para o pensamento, a memória e outras faculdades.
- O corpo físico, finalmente, é a base material de sua existência atual. Ele fornece a matéria para os instrumentos que permitem ao homem participar do mundo físico.

Sono e sonho

Durante o estado de vigília, os quatro membros da entidade humana se fazem presentes. Podemos também dizer que para constituir seu ser o indivíduo reúne, durante sua vida, 'substâncias' de quatro planos. Essa aglomeração está longe de ser harmoniosa. Por experiência própria, sabemos que nem nosso corpo, nem nossa alma nem nosso eu, como ser moral, são perfeitos. Ao contrário, nossa vida traz um desgaste constante dos vários membros da nossa entidade.

A própria consciência, os impulsos nocivos, as impressões desagradáveis, os alimentos impróprios, etc., prejudicam o organismo — ou seja, a parte constituída pelos corpos físico e etérico —, produzindo perturbações nos sistemas digestivo, circulatório, etc., as quais podem até levar à doença. Mas também a parte anímico-espiritual pode sofrer efeitos nocivos: no contato com o mundo, surgem desejos irracionais e impulsos negativos (ódio, inveja, cobiça) que prejudicam a própria 'substancialidade' da alma e do espírito. Uma ação má deteriora o ego; uma cobiça excessiva afeta o corpo astral.

Para regenerar-se desse desgaste, os vários componentes do ser humano devem afrouxar periodicamente os laços que os unem, permitindo a cada um haurir forças renovadoras em seu próprio meio. Esse fenômeno constitui o sono. A inconsciência do sono é, pois, uma necessidade imperiosa para todo ser dotado de uma consciência desenvolvida.

Com efeito, durante o sono ocorre uma separação entre a parte anímico-espiritual e a parte físico-etérica. Aliviado da consciência, das sensações e da vida anímica, o corpo descansa na cama, reduzido ao nível de uma planta, pois aparenta apenas funções vegetativas. Não se manifestam a consciência, a personalidade, os sentimentos e os pensamentos. Nesse estado inconsciente, forças e seres superiores penetram no organismo e o corpo etérico se regenera pela entrada de impulsos e forças provenientes do plano etérico universal.

Durante esse período o corpo astral e o eu se desligam do organismo, voltando às regiões das quais originalmente emanaram. Não

devemos imaginar essa separação como sendo simplesmente espacial. Durante essa permanência nos mundos superiores, o corpo astral e o eu recebem impulsos dos seres superiores que vivem nessas regiões. Ambos têm experiências notáveis, mas sem pensamento próprio (porque o cérebro, instrumento do pensar, ficou na cama) e sem a possibilidade de lembrar-se, mais tarde, dessas experiências (porque o corpo etérico, instrumento da memória, tampouco os acompanhou nessa viagem). Enquanto o homem aparentemente dorme, seu eu está, na realidade, plenamente ativo; no entanto, só o clarividente pode observar esse fato.

Mencionamos seres superiores. Ainda teremos ensejo de ocuparmos detalhadamente com tais seres. Por ora basta dizer que existem seres ‘bons’ e ‘maus’ — os quais a crença popular identifica como anjos e demônios. Dos impulsos recebidos desses entes durante o sono é que dependerá o comportamento do indivíduo após despertar. Uma sabedoria antiga conhecia essas influências: durante o sono, os homens se deixavam inspirar pelos deuses, pelas musas. Nos contos de fadas autênticos encontramos, a cada passo, alusões à inspiração recebida nessas ocasiões.

*

Antes do adormecer e do acordar, existe um estado de pouca duração durante o qual o eu e o corpo astral estão ‘separados’ do corpo físico, enquanto existe a ligação com o corpo etérico. O homem está, pois, em presença de sua ‘memória’ (ligada ao corpo etérico) e pode exercer certas funções mentais (igualmente ligadas ao corpo etérico), mas faltam-lhe as percepções sensoriais claras, a plena consciência e o pensar racional, que não podem prescindir do instrumento do corpo físico. Certas experiências do eu durante esse estado, combinadas com reminiscências da memória, fazem surgir então os sonhos. O sonho constitui, pois, um estado intermediário entre o sono e a vigília. Ele é caracterizado por uma consciência reduzida, por imagens e formas do mundo exterior, sem, no entanto, lógica e clareza. O eu traduz suas vivências e recordações em imagens simbólicas.

Desde tempos imemoriais, o homem conhecia a natureza desse estado que possibilitava uma experiência velada de certas realidades espirituais. Daí a importância atribuída à arte de analisar os sonhos para se conhecer a realidade espiritual ou para se chegar à verdadeira personalidade do homem, revelada durante o sonho quando inexistem tabus sociais e barreiras fazendo com que o caráter se dissimule durante a vida normal.

Sem pretender ser completos, podemos indicar alguns tipos relevantes de sonhos:

1. Em muitos sonhos o homem é perseguido pelas reminiscências do dia. Preocupações e angústias o acompanham, problemas não resolvidos martelam seu espírito de maneira incoerente e certos impulsos (vingança, ódio, amor, cobiça) manifestam-se de modo irrefreado. Um sono repleto de sonhos dessa espécie não é regenerador, pois impede uma separação suficiente e benéfica entre o eu e a parte orgânica.
2. Muitos sonhos são determinados, em seu enredo, por influências do ambiente. Assim, podemos sonhar uma história que termina no tilintar agudo de uma flauta tocada por um dos personagens do drama onírico. Acordados, verificamos que o despertador provocou o tilintar no sono: eu recorro toda uma história que o precede e cujo final lógico é o tilintar. Isso prova que os sonhos não se desenrolam no tempo, mas são imagens instantâneas que somente ao recordar são mentalmente decompostas em várias fases sucessivas. Da mesma maneira, um incêndio no sonho pode ter por causa o calor excessivo provocado por um cobertor.
3. Há sonhos causados pelo próprio corpo. Uma refeição um pouco pesada, tomada antes de dormir, pode provocar pesadelos, e muitas vezes o próprio órgão pode aparecer sob uma forma simbólica (intestinos = serpente, dente = torre, sangue = água). Vemos mais uma vez que o sonho é simbolizador. A arte de interpretar os sonhos consiste, justamente, em descobrir a ‘realidade’ que se traduz em símbolos.

4. Como já foi dito, os desejos mais íntimos do eu, reprimidos durante a vigília e sem possibilidade de subir à consciência, podem ter livre curso no sonho, embora sob forma simbólica. Esse fenômeno figura nos fundamentos de muitas análises psicoterapêuticas.
5. Um tipo de sonho ainda mais significativo é aquele em que o indivíduo encontra pessoas vivas ou mortas, recebendo delas uma mensagem que amiúde se confirma, mais tarde, na realidade: uma pessoa ausente pode dizer-nos, no sonho, que está doente ou morta; a notícia confirmatória chega poucos dias mais tarde. O que se torna patente aqui é uma experiência, feita pelo eu, de uma realidade no mundo espiritual. Com efeito, a morte de qualquer pessoa é um acontecimento que se reflete naquele domínio. Transcendendo os limites do espaço, o eu vivencia esse fato e o sonho o transforma em imagem.
6. Finalmente há pessoas que, ao despertar, sabem que no sonho lhes apareceu um ser espiritual superior com uma mensagem ou uma revelação, ou que elas ‘assistiram’ a acontecimentos do futuro. São os chamados sonhos proféticos, que tamanho papel tiveram em tempos passados, desde os sonhos interpretados por José na corte do Faraó (as ‘vacas gordas’ e as ‘vacas magras’) até visões dos profetas (aparições de Serafins, Querubins, Anjos, etc.). Esses sonhos também têm papel importante na psicologia moderna (especialmente em C. G. Jung).

Não há adormecer ou despertar sem sonho; na maioria dos casos, contudo, nós não nos lembramos dele. Muitas vezes, também, sem poder recordar um sonho concreto, acordamos com a certeza de ter passado um tempo num outro mundo.

Ao despertar, muitas vezes sonhamos com a volta ao corpo de forma simbólica. Por exemplo, sonhamos que estamos voando e nos aproximamos cada vez mais do chão, até bater nele. Nesse instante despertamos. Ou então queremos entrar num edifício ou, por exemplo, numa torre. Não conseguimos fazê-lo durante algum tempo, até que finalmente quase irrompemos nela à força e acordamos. Aqui o corpo é representado pelo símbolo da torre.

O sono, com a fase transitória do sonho, é, pois, um fenômeno que decorre de uma necessidade rítmica de todo o nosso ser. É fácil compreender que sonos ou sonhos provocados artificialmente (narcóticos, hipnose, anestesia) não são, nesse sentido, 'naturais', perturbando o equilíbrio das forças físicas e psico-espirituais.

Os três estados — vigília, sonho e sono — correspondem a três graus diferentes de consciência. Podemos dizer que o homem é homem somente quando, no estado de vigília, é plenamente consciente e lúcido.

A Antroposofia ensina que a consciência do animal é semelhante (embora não idêntica) à nossa consciência de sonho, enquanto a planta vive numa inconsciência total, correspondendo ao nosso estado de sono. A consciência dos minerais — se é que podemos ainda falar em consciência — seria ainda mais apagada do que a do nosso sono mais profundo.

No próprio homem também existem zonas ou sistemas diferenciados por vários graus de consciência. Rudolf Steiner expôs a genial idéia da 'trimembração do organismo humano', cuja essência pode ser resumida da seguinte forma:

O homem é plenamente consciente em seu pensar e em suas observações sensoriais. Rudolf Steiner chama esse sistema de neuro-sensorial, ensinando que ele está centrado na cabeça, muito embora o corpo todo possua percepções sensoriais. O pólo oposto é constituído pelas funções completamente inconscientes do metabolismo e da vontade traduzida em movimentos (o homem tem a representação clara dos motivos e do resultado almejado de um ato de vontade; mas o 'funcionamento' e a realização do impulso volitivo lhe são completamente ocultos). Esse outro pólo constitui o sistema do metabolismo e dos membros. Ele atua em todo o corpo, mas seu centro está no abdome e nos membros.

Entre esses dois pólos, e com o grau de consciência intermediário entre a lucidez completa do sistema neuro-sensorial e a inconsciência do sistema metabólico-motor, acha-se o sistema circulatório (respiração, circulação) que tem por sede a parte torácica e liga, por

assim dizer, os dois extremos. A esse sistema corresponde a vida sentimental e um grau de consciência equivalente ao estado de sonho.

*

Já que neste capítulo se falou de seres superiores, parece indicado dizer mais algumas palavras sobre esse assunto. O leitor desejoso de conhecer detalhes mais amplos deve consultar a obra de Rudolf Steiner.*

Não existe religião que não fale de seres elevados possuidores de inteligência, conhecimentos e poderes superiores aos do homem. As divindades das mitologias hindu, grega e germânica são alguns desses seres; também nas religiões chamadas 'monoteístas' (judaísmo, cristianismo e islamismo) existem arcanjos, anjos, demônios e diabos. O que são eles, uma vez serem nitidamente superiores aos seres humanos? O cristianismo, mantendo o dogma israelita 'Deus é um', fala ao mesmo tempo de Anjos, Querubins, Serafins e outros seres respeitabilíssimos. Como explicar essa multidão de 'deuses'?

Admitindo-se um caráter evolucionista do Cosmo (voltaremos a esse assunto mais adiante), nada impede de imaginar, acima do homem, seres que possuam faculdades superiores sem precisar de um corpo físico para sua existência. De fato, a experiência supra-sensível revela ao vidente a existência de tais seres, e a Antroposofia contém descrições detalhadas dessas 'hierarquias superiores'. Com efeito, esses entes pertencem a vários níveis de evolução, cada um caracterizado por um novo grau de consciência, de faculdades e funções.

Nosso espírito humano é, naturalmente, incapaz de captar totalmente os estados de consciência desses seres. Apesar disso, é possível descrever-lhes certos aspectos. Em épocas passadas, porém, certos indivíduos mais evoluídos tinham a capacidade de 'perceber' esses seres e ter contato com eles.

A Antroposofia não pretende inovar nesse campo. O esoterismo cristão de um Dionísio Aeropagita já continha uma descrição porme-

*V., nesse sentido, os seguintes livros, dentre outros: *A ciência oculta*, *Teosofia*, *O anjo em nosso corpo astral* e *Seres elementares e seres espirituais*.

norizada dos 'coros dos anjos', e o próprio Tomás de Aquino repetiu essa doutrina com pleno endosso de sua própria sabedoria.

Rudolf Steiner soube completar os conhecimentos tradicionais a esse respeito com sua própria experiência. Ele mostrou a ligação íntima desses seres e de sua atuação em nosso mundo e sobre o homem. A 'imanência' dessas entidades é total. Tudo o que se passa em nosso mundo resulta da ação e da influência de tais seres. Isso não impede que o homem, em determinado grau de seu desenvolvimento, consiga libertar-se de tal influência, criando as condições para seu próprio livre-arbítrio.

1. Imediatamente 'acima' do homem encontram-se entidades que as várias religiões chamam de 'Anjos' (*Angeloí*). Trata-se de entes cujo 'corpo' mais baixo é o corpo etérico. Entre suas múltiplas funções, há aquela de eles constituírem elementos de ligação entre o homem e os mundos superiores. Cada homem tem, portanto, seu 'Anjo', fato que se traduz no conceito popular de 'Anjo da Guarda'.
2. Os chamados 'Arcanjos' ou *Archangeloi* já não são dedicados a indivíduos, mas a povos e outros agrupamentos. Cada povo tem 'seu' Arcanjo, que lhe determina as características étnicas. Quando um povo se forma como tal (por exemplo, o povo suíço ou belga), o fato espiritual correspondente é que um Arcanjo começa a atuar pouco a pouco sobre um certo número de indivíduos, fazendo nascer neles um espírito de comunidade, com sua diferenciação étnica e histórica dos outros povos.
3. Os Arqueus, ou 'Espíritos da Época', são os líderes espirituais de toda uma época. Quando novos impulsos aparecem na história da humanidade — ao mesmo tempo e em todos os povos evoluídos —, isso se deve à influência desses Arqueus.
4. Os 'Espíritos da Forma' ou *Exusiai*, superiores aos Arqueus, são idênticos aos *Elohim* da Bíblia. Mais tarde veremos que o nosso eu nos foi originalmente 'doado' pelos *Exusiai*.
5. Os 'Espíritos do Movimento' ou *Dynameis* constituem a próxima hierarquia. São os regentes cósmicos de todos os ritmos e movimentos.

6. Os 'Espíritos da Sabedoria' ou *Kyriotetes* permeiam com suas emanções tudo o que nos aparece como repleto de sabedoria, desde as formas harmoniosas da natureza até os grandes princípios da sabedoria cósmica, que filósofos como Aristóteles ou astrônomos como Kepler ainda vislumbravam como que por intuição.
7. Os 'Espíritos da Vontade' ou Tronos representam a vontade divina como impulso básico de todo o Universo.
- 8/9. Os dois grupos supremos, os Serafins e os Querubins, fogem a qualquer análise humana. São os seres mais elevados ainda acessíveis ao homem e constituem a parte dos impulsos mais puros do amor, da caridade e da elevação da alma. O próprio Velho Testamento fala repetidamente desses seres, por ocasião das visões dos grandes profetas.

Onde está 'Deus' nessa hierarquia? Em que consiste a Trindade? O conhecimento humano não pode aspirar a abranger essas alturas da existência cósmica. Seria temerário fazer afirmações a esse respeito. Tentar descrever 'Deus' já seria uma blasfêmia, e mesmo os maiores iniciados, como por exemplo Rudolf Steiner, somente puderam aproximar-se dele com um balbuciar de humildade. Qualquer outra atitude seria de presunção e prepotência. Aliás, a Antroposofia não promete revelar 'tudo'. Ela tem seus limites e procura apenas ampliar nosso campo de observação. A Antroposofia é ciência, mas não onisciência. Essa circunstância nunca deve ser perdida de vista. Se soubéssemos tudo de Deus, seríamos... Deus!

Mesmo assim, a obra de Steiner contém profundas revelações sobre o Mistério de Deus e da Trindade.

A morte. A vida depois da morte

Durante o sono, o eu e o corpo astral 'abandonam' o corpo físico, deixando dentro deste apenas o corpo etérico; em consequência disso, o corpo físico permanece vivo. No momento da morte, o eu, o corpo astral e o corpo etérico separam-se do envoltório físico. Este se torna 'cadáver', matéria sem vida, e passa a seguir as leis físico-químicas do mundo mineral; estas destroem a forma do corpo, que rapidamente se decompõe.

Na vida, a simples presença do corpo físico com os instrumentos físicos do cérebro e dos sentidos impediu a percepção do conjunto das impressões e experiências conservadas no corpo etérico como 'memória'. Ao deixar o corpo físico, desaparece essa barreira e o eu se encontra subitamente em presença da totalidade dessa 'memória'. Em grandiosos panoramas aparece-lhe toda a vida passada, sem a dimensão do tempo: o corpo etérico, possuidor dessas imagens, é quem, nesta altura, apresenta-as ao eu.

Separações parciais e momentâneas do eu e do corpo etérico podem ser observadas também durante a vida em caso de choques, acidentes, ou em estados extremos de debilidade vital. Nesses casos a separação não é suficiente para provocar a morte, mas basta para proporcionar ao indivíduo uma experiência semelhante à que todos nós temos depois da 'morte': muitas pessoas salvas de afogamento ou de uma queda na montanha contam que numa fração de segundo lhes apareceu a vida inteira, em todos os seus detalhes, como num filme.

Um afrouxamento gradual dos laços que unem o eu com o corpo etérico é verificado também em casos de doença em pessoas idosas. Pequenas partes da grande vista panorâmica acima descrita lhes aparecem, de uma maneira nebulosa e pouco consciente. Essas pessoas lembram-se de detalhes de sua vida pregressa — em particular, de sua infância — que durante muitos decênios haviam permanecido no mais completo esquecimento. Enquanto os velhos, em geral, são

incapazes de memorizar fatos novos, a memória de acontecimentos remotos torna-se cada vez mais clara.

Depois de aproximadamente três dias após a morte, o corpo etérico é igualmente deixado 'para trás' e se decompõe, pouco a pouco, no plano etérico geral. Todavia, uma espécie de extrato é conservado de uma forma mais ou menos individualizada. Restam, pois, o eu e o corpo astral, que continuam juntos numa existência caracterizada por uma série de vivências sumamente importantes.

*

Com efeito, durante a vida passada o corpo astral estabeleceu muitos laços com o mundo físico, desenvolvendo desejos, pendores e paixões que não podem mais ser satisfeitos, pois não existem mais os corpos físico e etérico. Na medida em que ultrapassam os impulsos naturais relacionados com as funções de uma vida normal, tais desejos podem deturpar o corpo astral. Este passa a sofrer desses desejos, insaciáveis fora do corpo físico, os quais ele experimenta qual uma chama ardente. Daí a imagem do Purgatório, na religião cristã, como um lugar onde se purificam num fogo incandescente os maus instintos e desejos. Encontramos outra imagem no mito de Tântalo, herói grego, que após sua morte sofria de uma sede insaciável, embora estivesse na água: no momento em que ele desejava sorver o líquido, a água fugia; da mesma forma, sua fome não podia ser satisfeita: a cada vez que ele desejava pegar uma maçã pendendo à sua frente, o galho recuava e a miragem do fruto se afastava.

Como se vê, essas velhas crenças e imagens têm um fundo de verdade, que nos leva a considerá-las com profundo respeito.

Além desses sofrimentos, o eu possui também a lembrança de todos os atos cometidos, de todos os instintos e paixões desenvolvidos em desobediência às eternas leis espirituais, como consequência de impulsos baixos e maus. Atos e sentimentos de violência, de ódio, de cinismo, são vividos novamente, mas de forma muito mais intensa. O homem que teve tais sentimentos ou cometeu tais atos sofre agora como se fosse a vítima. Autor de condenáveis ações, descobre

que o mal cometido prejudicou não somente a vítima direta, mas também ele próprio.

Essa 'prestação de contas' traz outro grande sofrimento nesse período pós-morte, cuja duração é de aproximadamente um terço da vida passada (correspondendo mais exatamente à soma do tempo passado em sono: de fato, a cada 24 horas o homem dorme mais ou menos oito horas, ou seja, um terço). Um fato curioso é que a experiência da vida passada é realizada de maneira retrógrada, começando pela morte e prosseguindo até o nascimento.

O ocultismo hindu deu a esse 'purgatório' a denominação *kamaloka*. Os desejos espúrios e as aberrações são, por assim dizer, 'queimados' ou purificados durante essa evolução. Porém o homem conserva uma imensa vontade de reparar e sanar o mal cometido, aspirando a uma oportunidade de fazê-lo.

Somente após esse período o eu fica livre das impurezas anímicas que lhe aparecem personificadas como seres fora dele mesmo (imagens de dragões e animais horríveis em muitos contos de fadas). Ele deixa atrás de si o corpo astral, que se desintegra no mundo também astral, ficando apenas como uma espécie de extrato que acompanhará sua peregrinação futura.

*

Inicia-se então uma vida do eu numa região puramente espiritual. Devemos considerar o 'espírito' não como um simples conceito ou como uma faculdade humana ('um homem de muito espírito'), mas como uma substancialidade *sui generis*. Assim, uma obra de arte, por exemplo, tem um conteúdo espiritual real, independentemente de sua aparência física sob forma de quadro, escultura ou peça de música. Até mesmo cada pensamento humano é uma realidade espiritual que permanece, e não apenas um ato íntimo sem consequência e sem realidade intrínseca.

Se dissemos que nessa altura o eu penetra numa região puramente espiritual, não aludimos a qualquer 'lugar' no Cosmo, a qualquer 'céu'. Estamos longe do espaço e do tempo. Contudo, o eu vive num ambiente repleto de outros seres espirituais, hierarquias supe-

riores, outros eus de homens ‘mortos’ ou vivos; tudo o que possua realidade na Terra aparece nessa ‘região’ sob forma arquetípica. Os ‘modelos’ ou ‘idéias’ das formas terrestres, os impulsos espirituais que se manifestam na Terra — por exemplo, sob forma de guerras, invenções, criações artísticas ou simplesmente pensamentos — constituem o ambiente dessa região espiritual, que não pode ser adequadamente descrita por meio de palavras humanas.

O eu convive com essas formas e esses entes, aprendendo, permeando e sendo permeado, irradiando e recebendo influências, num intercâmbio íntimo e perene com seu ambiente. Sua consciência é inteiramente diferente do que é na Terra. Quanto mais evoluído moralmente ele for na Terra, mais intensa será a consciência nessa região espiritual.

Ali o eu revive sua vida passada; julga a si próprio ante o fundo da realidade espiritual. Sente-se como que fazendo parte desse maravilhoso universo, mas sente também que só numa vida terrena lhe é dado progredir e aperfeiçoar-se moralmente. A estada pós-morte nos mundos espirituais é apenas uma fase de ‘avaliação’, de meditação cósmica e de preparo para uma existência futura.

Com efeito, após certo tempo o eu sente uma vontade irresistível de voltar à Terra — a fim de reparar, por meio de atos, os efeitos prejudiciais da vida passada, para aprender mais, para evoluir ética e mentalmente, para voltar a encontrar os seres humanos e situações que enfrentou no passado, estabelecendo novas relações e resolvendo problemas que ficaram sem solução. Qualquer situação não-resolvida clama por uma solução, e só por um ato terreno o eu pode procurar restabelecer a harmonia violada.

Nesse ínterim, a Terra e os homens na Terra, por seu lado, evoluíram. Do alto da sua existência espiritual o eu acompanha essa evolução, participando dela e influenciando-a dentro de certos limites.

Na vida espiritual, o eu humano está no nível inferior das hierarquias, mas os entes superiores o ajudam, influenciam-no e participam na elaboração de um programa que lhe deve permitir progredir numa vida futura, compensar males causados a outrem e enfrentar novas situações.

O 'morto' deseja, pois, novas experiências físicas. Prepara uma nova vida terrena, aproveitando a lição e o extrato das vidas anteriores. Aí começa o caminho de retorno à Terra. O eu desce pouco a pouco, percorrendo em sentido inverso as regiões percorridas após a morte. Da substância astral universal ele individualiza uma parte, que formará seu corpo astral adequado. Da mesma forma, vestirá um corpo etérico extraído da substancialidade etérica geral e, finalmente, unir-se-á a um germe de corpo físico no momento da fecundação.

Uma nova vida começa. O eu se reencarnou e inicia uma nova série de experiências, preparadas durante a estada nos mundos superiores em colaboração com as hierarquias superiores e constituindo como que um novo capítulo na corrente de suas encarnações precedentes.

Cada vida aparece, pois, intimamente ligada às vidas anteriores e futuras por um princípio de causalidade espiritual que os hindus chamaram de 'lei do carma' (destino). Veremos mais tarde o sentido dessa noção, mas desde já podemos entender que não haja acaso no fato de um indivíduo nascer em determinado momento, em determinada família, ter uma educação de um certo tipo, encontrar certas pessoas, etc. Em tudo isso existe um sentido profundo. Somos nós os artífices do nosso carma, tendo em vista não uma 'felicidade' gratuita e efêmera, mas o verdadeiro progresso do nosso eu.

A existência humana aparece, pois, como uma série de vidas interrompidas por épocas de excarnação. São dois estados alternados e ritmicamente opostos, como o sono e a vigília. Nos capítulos seguintes veremos qual o sentido dessa evolução, seu começo e seu fim.

A evolução do homem

I. Estados pré-terrestres

Agora conhecemos o homem como um ser formado por quatro elementos constitutivos, tomando consciência de si num universo perceptível formado pelos três reinos inferiores e alçando-se a planos mais elevados habitados por seres que lhe são imensamente superiores.

Tendo-se já mencionado o princípio evolutivo vigente em todo ser, cabe-nos neste momento estudar o caminho percorrido pelo homem até atingir seu estado presente. Uma observação superficial nos mostra que, das quatro partes da entidade humana, o eu é o mais imperfeito, uma vez que o homem só desperta de vez em quando para a verdadeira autoconsciência e só em casos excepcionais atua com verdadeira reflexão e livre-arbítrio. Mas também o corpo astral, com seus desejos e paixões desenfreados, suas cobiças e seus instintos viciados, está longe da perfeição. Já as funções vitais e, mais ainda, os processos puramente físicos, estão-se desenrolando em relativa harmonia, a não ser que sofram os reflexos de uma vida anímica e espiritual defeituosa.

Dáí podemos inferir, com uma certa probabilidade de razão, que o eu é o elemento mais novo, enquanto o corpo físico é o mais velho. A investigação esotérica confirma plenamente essa suposição, mas para bem compreender a situação presente é necessário conhecer algo da evolução que conduz a ela. Antes, porém, de expô-la em suas linhas gerais, cumpre fazer algumas observações.

Em primeiro lugar, convém frisar desde já que o homem atual é o produto de um trabalho efetuado pelas hierarquias superiores. Foram estas que formaram e plasmaram todos os membros de sua entidade. As forças que assim atuaram sobre ele nem sempre emanaram de entes favoráveis que quisessem influenciá-lo de modo harmonioso. Havia forças contrárias — opostas aos seres favoráveis — cujas influências se revelaram perturbadoras. Mais tarde veremos que o homem é o produto do combate entre essas forças antagônicas.

Tendo de voltar a épocas remotíssimas, quando as condições exteriores eram totalmente diversas das atuais, corremos o risco de provocar mal-entendidos ao empregar termos extraídos de nossa vida atual, como 'espaço', 'tempo', 'calor', etc. Contudo não há outra solução, e devemos estar cômnicos desse perigo.

Uma primeira pergunta será, sem dúvida, levantada pelo leitor atento: mesmo admitindo que a vidência permita observar fatos não-físicos atuais, como é possível o iniciado descrever o que se passou em épocas remotas, quando nada era semelhante ao mundo atual? Recordemos que a memória do homem individual 'reside' em seu corpo etérico. Pois bem: assim como os fatos vividos pelo homem estão 'gravados' em seu corpo etérico, assim a substância etérica cósmica recebe a 'impressão' de todo e qualquer fato que ocorre no mundo. O clarividente pode, em determinado grau de seu desenvolvimento iniciático, dirigir seu 'olhar' espiritual para esse mundo etérico assim como o dirige para o corpo etérico de uma planta ou de outro homem. Então poderá 'ler' nessa memória cósmica as impressões feitas em tempos passados. Sendo essa memória etérica denominada pelo velho termo hindu *Akasha*, o esoterismo moderno diz, empregando uma imagem bastante pitoresca, que o vidente está 'lendo a Crônica do Akasha'.*

Convém lembrar que muitos fenômenos de telepatia ou de observação de fatos a grande distância se explicam pela existência desse 'meio' supra-espacial, onde tudo deixa seu vestígio.

A história, a paleontologia e a geologia revelam-nos fatos valiosos do passado; mas mesmo as teorias cosmogônicas mais ousadas não estendem o campo de sua observação (ou especulação) além de fenômenos materiais, físicos. A Antroposofia, empregando os meios de observação aludidos, remonta a um passado muito mais distante, descrevendo estados pré-materiais durante os quais já existia o homem ou, antes, precursores do homem.

Seria absurdo querer remontar ao 'princípio dos princípios'. A Antroposofia tem por objeto o homem, e assim procuraremos desco-

* Registro cósmico-espiritual (vide Rudolf Steiner, *A Crônica do Akasha*).

brir o momento do passado onde aparece o primeiro vestígio do homem. Isso nos faz retroceder a um tempo onde nada, absolutamente nada do nosso mundo atual existia. O que havia eram as entidades das hierarquias superiores, que também não haviam atingido seu atual grau de evolução. Então, por um ato que pode apenas ser comparado a um auto-sacrifício, foi criado o primeiro germe do corpo físico humano, graças a uma emanção da própria substância produzida pelos Tronos ou Espíritos da Vontade. Esse corpo era como uma massa ainda não individualizada de matéria, sendo essa matéria tão sutil que poderia lembrar apenas o que chamamos hoje de 'calor'. Já o estado gasoso, e muito mais os estados líquido e sólido, eram inconcebíveis nesse cosmo de extrema sutileza.

'Vontade sob forma de calor' — eis o primeiro estado do nosso 'mundo'. Outras hierarquias começaram então a atuar; sob sua influência, a massa informe começou a diferenciar-se numa infinidade de pequenas partículas. Para caracterizar esse estado Rudolf Steiner emprega a imagem de uma gigantesca amora, onde cada pequena esfera seria um precursor de um corpo físico humano atual. Esse precursor de todos nós não tinha ainda vida própria; seu grau de consciência (se é que podemos falar de um símile de consciência) era equivalente ao dos atuais minerais.

Em dado momento, começou a existir nesse corpo cósmico uma espécie de vida, reflexo da atividade exercida 'de fora' por certas hierarquias; mas ainda não se tratava de vida própria. Depois de mais um lapso de tempo (devemos imaginar que essa evolução tenha ocorrido em períodos muito longos de tempo), essa esfera de calor começou a luzir. Para um espectador 'de fora', ela se teria apresentado como uma grande esfera calórica resplandecente, percorrida por correntes de calor e dividida em inúmeras pequenas esferas, as precursoras de nossos corpos físicos.

Esse antigo estado, espécie de primeira encarnação cósmica de nosso sistema solar, tem no ocultismo o nome de Antigo Saturno.

Decorrido certo tempo, esse cosmo se desintegrou, voltando tudo a um estado puramente espiritual. Essa 'noite cósmica', comparada a uma sístole universal, é designada pelo nome hindu de *pralaya*.

Após um certo lapso de tempo, nasceu um novo Universo. Primeiro houve uma espécie de recapitulação da época anterior. Formou-se novamente um corpo de calor. Mas em dado momento, e novamente como resultado da atuação das hierarquias superiores, os precursores do nosso corpo físico receberam um corpo etérico e começaram a aparentar formas rudimentares de vida própria. O corpo físico passou ao estado gaseiforme, embora contivesse também o elemento de calor ou fogo. Nesse estado 'nós' estávamos, portanto, no grau evolutivo de uma planta (corpo físico e corpo etérico), possuindo a substancialidade de um gás. 'Nosso' grau de consciência naquela segunda encarnação da Terra também era o de uma planta, isto é, o de sono profundo.

No Antigo Saturno houve entes que não atingiram o ponto final previsto para a evolução saturnina. Esses seres não puderam acompanhar, na segunda encarnação, a evolução dos demais — tendo, ao contrário, de recapitular o estado que seus irmãos mais avançados já haviam terminado no Antigo Saturno. Havia, pois, no Antigo Sol (pois é esse o nome que se dá à segunda encarnação desse Universo), dois reinos: um, evoluído, tendo o grau de desenvolvimento de uma planta e possuindo um corpo físico e um corpo etérico; e outro, atrasado, que ainda percorria — pela segunda vez — a existência equivalente à de um mineral, sem corpo etérico.

Em determinada época dessa evolução, certos espíritos de hierarquias superiores, os quais não puderam suportar a densificação progressiva do ambiente, retiraram-se do corpo do Antigo Sol e constituíram um corpo celeste à parte, repetição do Antigo Saturno. Havia, pois, dois corpos possuindo configuração e características diferentes, os quais se influenciavam mutuamente. Devemos imaginar esses corpos permeados e atravessados pelas hierarquias e suas influências, sob cuja ação o precursor do homem evoluiu, até que tudo voltou novamente a um *pralaya* ou noite cósmica. Antes disso os dois corpos se haviam reunido novamente. Convém frisar que esses dois estados planetários não têm qualquer semelhança com o Saturno e o Sol atuais.

Emergindo do estado puramente espiritual do *pralaya*, nosso Universo iniciou sua terceira fase: a Antiga Lua. Após nova recapitulação dos estados anteriores, a condensação progrediu até a inclusão do elemento líquido, dando à matéria mais densa a forma de uma neblina ou de um gel. Novamente as hierarquias mais sutis, não podendo acompanhar essa densificação, formaram um novo corpo equivalente ao Sol. Originaram-se daí certos movimentos rotativos e estados alternados de irradiação.

Sob a influência de determinada hierarquia, o ‘homem’ passou a adquirir um precursor do nosso corpo astral, atingindo um estado semelhante ao de nossos animais, com a consciência de sonho. Abaixo dele havia dois reinos: o dos que no Antigo Sol haviam recapitulado, com sucesso, a evolução proto-saturnina, tendo nessa altura atingido o nível vegetal, e os que também no Antigo Sol não conseguiram progredir, tendo de percorrer agora, mais uma vez, um estado mineral.

Também entre os seres das hierarquias superiores houve evoluções anormais. Em dado momento, vários dentre eles se ‘revoltaram’ contra a evolução geral, procurando um desenvolvimento diferente. A interação de todas essas influências fez com que o mundo se diversificasse ainda mais: houve até a formação de outros ‘planetas’, centros de atuação espiritual dos vários grupos de hierarquias.

Em meio a esse mundo vivia o ‘homem’. O corpo astral já lhe proporcionava sensações, instintos, antipatia e simpatia, mas sem a faculdade do livre-arbítrio e sem o raciocínio, apanágios da plena consciência que nasceriam apenas com o eu. Outrossim, a ‘forma’ exterior do homem — como, aliás, o aspecto de todo o mundo ao redor dele — não podiam ser comparados a nada do que atualmente existe. No momento de sua maior concentração, a Antiga Lua, com os germes dos homens, não passava de uma massa úmida ou viscosa com inclusões gasosas. Nesse mundo, além dos seres das hierarquias, viviam os homens — cujo membro mais elevado era um corpo astral — e, abaixo deles, os que haviam ficado para trás, constituindo dois reinos equivalentes às nossas plantas e minerais. Processos semelhantes à respiração e à circulação já existiam, e os estados de consciência mais ou menos clara alternavam, de acordo com as circunvolu-

ções dos corpos celestes, sedes das hierarquias em seus vários agrupamentos.

No fim dessa evolução, os vários corpos celestes se reuniram novamente. Um terceiro período de involução *pralaya* fez voltar toda a diversificação a um estado puramente espiritual do qual emergiu, como quarta fase, a Terra atual juntamente com o sistema solar, do qual ela faz parte.

Toda a evolução anterior é, pois, caracterizada:

1) pela atuação das hierarquias superiores que nos criaram e nos fizeram evoluir;

2) pela densificação progressiva;

3) pelo paulatino despertar da consciência;

4) pelo acréscimo de novos 'corpos' e seu aperfeiçoamento sob a influência de seres superiores;

5) pelo desenvolvimento que levou a ficar para trás os seres que não se desenvolveram de acordo com o 'programa' cósmico. Todavia, não foi por culpa ou mérito próprio que ocorreu essa desclassificação, pois naquele momento o 'homem' ainda não era responsável por seus atos;

6) pela mais absoluta dessemelhança das condições 'externas' das 'encarnações' anteriores da Terra entre si e em confronto com nosso mundo atual.

II. O início da existência terrestre

Ao emergir do terceiro *pralaya*, nosso sistema solar era uma formação anímico-espiritual homogênea. Percorridos alguns estados não-físicos, a matéria surgiu primeiro sob forma de calor, ao qual mais tarde se juntaram o elemento gasoso e o elemento líquido. Contudo, antes da formação deste último se verificou um fato de suma importância: não podendo participar dessa densificação progressiva, seres muito elevados da hierarquia dos Espíritos da Forma ou *Exusiai* afastaram-se do resto da massa gaseiforme e deram origem a um corpo separado: o Sol atual. Este era, pois, originalmente a sede espiri-

tual dos *Exusiai*, tendo sua 'matéria' sido acrescentada mais tarde, sem nunca atingir a densidade da nossa Terra.

Os *Exusiai*, que antes dessa separação haviam atuado do interior da Terra, passaram a atuar apenas de fora. Daí resultaram estados alternados de influência maior ou menor, os quais provocaram movimentos rotativos, origem de fenômenos comparáveis ao dia e à noite e de estados de consciência mais ou menos clara (vigília e sono).

Após a separação do Sol, o elemento líquido e, mais tarde, também o sólido manifestaram-se pela primeira vez, mas ainda numa forma extremamente fina. Quando falarmos a seguir de 'endurecimento' progressivo, deveremos lembrar-nos de que a 'dureza' dos objetos mais densos nem de longe atingia a de um cristal de hoje.

Esse endurecimento, fruto da atuação de outros seres espirituais, ia aumentando até atingir o perigo muito concreto de que toda a vida se tornasse impossível aos entes humanos e aos demais, que haviam chegado da Antiga Lua e existiam na nova Terra desde seu início. Diante de tal perigo, esses entes se retiraram da Terra, formando, sob a tutela de espíritos mais elevados, novos corpos celestes: os planetas Marte, Júpiter e Saturno. Ao mesmo tempo, os planetas interiores foram formados por seres solares que não puderam acompanhar a evolução de seus companheiros no Sol, separando-se deste. Todo o nosso sistema planetário teve, pois, uma origem espiritual.

Quando o perigo de petrificação da Terra atingiu o máximo, ameaçando para sempre sua futura evolução, os entes divinos que vigiavam todo o desenvolvimento descrito frustraram esse perigo, deslocando os seres petrificadores para fora do próprio corpo terrestre, onde eles formaram um novo corpo à parte: a nossa Lua, a partir da qual passaram a exercer sua influência endurecedora de maneira mais amena.

Os entes (precursores dos homens, etc.) que, ante a impossibilidade de permanecer na Terra, haviam emigrado para os outros planetas, começaram a regressar pouco a pouco, à medida que a Terra se foi tornando novamente mais 'mole' após a saída dos seres lunares. Nessa volta progressiva chegaram primeiro os que, sendo pouco evo-

luídos, podiam contentar-se com corpos físicos relativamente ‘duros’: eles se tornaram as plantas inferiores e superiores, seguidas, mais tarde, pelos animais, sempre na ordem de seu grau de desenvolvimento. Os ‘homens’, aos quais o mundo ainda não oferecia condições adequadas de vida, permaneceram nos planetas e fizeram sua aparição na Terra em último lugar.

Nesse ínterim, o elemento sólido havia-se implantado progressivamente; estamos chegando às épocas das quais nos fala a paleontologia. Convém pôr em relevo que a evolução, tal como a descreve a Antroposofia, corresponde inteiramente aos achados paleontológicos; camadas puramente minerais, sem vida, nas formações mais antigas; traços de vida vegetal e animal nas camadas mais recentes e, finalmente, depois de muitas formas transitórias, o homem. Foi ele, pois, o ser que soube esperar mais tempo. Aqueles que voltaram antes não atingiram o estado humano, pois não puderam encarnar-se num corpo individualizado. Destes, os mais evoluídos eram os ‘eus grupais’, que emprestaram cada qual sua individualidade a toda uma espécie de animais sobre a qual agiam ‘de fora’ (aos leões, aos elefantes, etc.).

Vemos, pois, a interpretação dos fatos segundo a Antroposofia repousar, como a teoria de Darwin, sobre o aparecimento gradativo de formas cada vez mais perfeitas. Mas enquanto o darwinismo postula que o ser mais complicado ‘descende’ de um ser terrestre mais simples, a Antroposofia mostra que, ao contrário, os seres mais avançados existiam desde o início, embora numa forma apenas espiritual — e que os seres mais simples se ‘encarnaram’, aparecendo na Terra antes dos mais evoluídos, porque esta não oferecia ainda, a estes últimos, condições físicas adequadas. A verdadeira corrente evolucionista é a do homem. Todos os demais seres ficaram para trás.

Paralelamente à descida do homem, assistimos a um progresso em sua consciência. Enquanto o corpo astral era a parte mais alta da entidade humana, vemos agora os primeiros germes do eu implantados nela, num progresso extremamente lento. A ‘substância’ espiritual desses eus era como uma emanção dos *Exusiai*, os espíri-

tos solares que podem, portanto, ser considerados 'criadores' do homem na Terra.

O grau de consciência desses eus era muito baixo. Nem de longe eles tinham consciência de si próprios; viviam, por assim dizer, num estado de sonho onde ainda se sentiam 'unos' com seus criadores e com os mundos espirituais, que percebiam mediante uma vivência supra-sensível generalizada. Era um estado de perfeita harmonia, uma existência 'na presença de Deus'. Era o Paraíso da Bíblia.

Nas ciências ocultas se atribui a essa época o nome de 'época lemúrica', pois a humanidade vivia principalmente numa região da Terra (que ainda não possuía sua configuração atual) situada a leste da África e atualmente coberta pelo Oceano Índico: o lendário continente da Lemúria (ou *Gondwanaland*).

Esse período lemúrico (precedido por dois outros períodos desde a formação física da Terra) foi muito longo: incluiu a separação da Lua, a volta progressiva dos seres emigrados e os acontecimentos que passaremos a expor.

Repetindo sua façanha da Antiga Lua, um grande grupo de seres espirituais de todas as hierarquias se revoltaram contra a evolução traçada pela Providência (se nos é permitido chamar assim o plano cósmico inspirado pelas mais altas hierarquias), procurando um desenvolvimento independente caracterizado por uma autonomia mais ampla. Essa revolução é conhecida nas várias mitologias e religiões como a 'Queda dos Anjos'. Chamaremos esses seres de luciféricos, de acordo com o nome tradicional de seu inspirador e líder.

Irradiando sua influência e sua sede de autonomia, esses seres luciféricos atingiram também o homem, cujo eu ainda pouco desenvolvido foi arrebatado ao ambiente protegido das hierarquias humanas normais. O ser humano caiu, então, sob a influência de seu corpo astral repleto de paixões e instintos pouco domados. Em consequência disso, iniciou-se uma alienação progressiva do homem em relação ao seu ambiente. Até então ele vivera 'na presença de Deus', isto é, num estado onírico de comunhão com os mundos superiores. Sob a influência luciférica nasceu-lhe uma consciência mais clara, e os

sentidos físicos se lhe abriram na mesma medida em que a vidência superior cessava. Enquanto até esse momento seu ser estivera permeado pelas forças harmoniosas dos seres ‘bons’, a separação provocou defeitos cada vez mais graves em toda a sua organização: o eu e o corpo astral tornaram-se fontes de cobiças e maus instintos, o corpo etérico passou a apresentar doenças e fraquezas e a morte fez sua entrada na Terra, como necessidade de um descanso regenerador.

Do ponto de vista espiritual, o homem adquiriu a capacidade de agir em desacordo com as leis divinas, isto é, de pecar. Na verdade, ele passou ao mesmo tempo a ser um ente responsável e moral, pois somente quem tem a possibilidade de pecar tem o mérito de não pecar. No Paraíso, o homem era perfeito; mas era um ser sem autonomia, um autômato, sem qualquer mérito pela perfeição. Afastado de sua origem divina, ele tornou-se exposto a todas as fraquezas, aos defeitos e ao pecado; mas em compensação libertou-se dos velhos laços, tornando-se dono de suas decisões e adquirindo o livre-arbítrio e a plena consciência de si — e, com isso, a verdadeira dignidade humana, ou pelo menos a esperança de possuí-la um dia!

A evolução até agora esboçada estendeu-se, naturalmente, por muitos milênios. Estamos ainda em meio a esse processo, que é o drama central da humanidade.

A imagem da queda do homem, de seu pecado original e da expulsão do Paraíso encontrou sua expressão mais condigna nas frases lapidares do Velho Testamento (Gênesis 2, 16 e ss.):

Ordenou Deus Jeová ao homem: De toda árvore do jardim podes comer livremente, mas da árvore do conhecimento do Bem e do Mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

Sobrevém o ‘Diabo’, a Serpente, isto é, o Anjo Caído (Gênesis 3, 4 e ss.):

Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis, porque Deus sabe que no dia em que comerdes do fruto vossos olhos serão abertos, e sereis como Deus, conhecendo o Bem e o Mal.

E os homens sucumbiram a essa influência, com o resultado seguinte (Gênesis 3, 7):

Foram abertos os olhos de ambos, e conhecendo que estavam nus, coseram folhas de figueira.

Que imagem grandiosa para dizer que os sentidos físicos iam despertando e que os homens se tornavam conscientes de si, experimentando o sentimento de pudor!

E eles foram expulsos do Paraíso.

As imagens do Paraíso, da tentação, do pecado e da expulsão, nós as encontramos em muitíssimos mitos e religiões — prova infosismável de que se trata de uma tradição arquetípica de toda a humanidade.

A tentação luciférica abriu caminho para um outro grupo de seres negativos, os chamados 'espíritos arimânicos', dos quais falaremos mais tarde. Sua influência nefasta se fez sentir em épocas posteriores, com o intuito de velar ao homem o conhecimento de sua verdadeira natureza espiritual. Os seres arimânicos trouxeram o erro, a mentira, a morte e o isolamento cada vez maior do homem em relação às suas origens divinas.

Seria ingênuo chamar as forças luciféricas e arimânicas de 'más' e as outras de 'boas', simplificando por demais sua classificação. Na realidade, sem a tentação e sem o pecado original o homem não teria atingido seu pleno desenvolvimento. É verdade que os seres 'negativos' o afastaram do caminho original e o atraíram egoisticamente para suas esferas; mas com isso fizeram nascer nele a autoconsciência, o intelecto, o amor pela Terra e o livre-arbítrio — qualidades sem as quais não podemos falar em homem nem em dignidade humana.

Como conseqüência de sua queda, o homem pôde utilizar certas forças — que ele dominava graças a seu antigo entrosamento nos mundos espirituais (podemos chamar essas forças de mágicas) — em completo desacordo com esses mundos. Tais abusos, ditados pelo triunfo de sua astralidade ainda caótica e mal-intencionada, provocaram o fim da Lemúria; o continente desapareceu em meio a gran-

des catástrofes de fogo, resultado direto dos excessos mágicos dos homens lemúricos.

Um novo centro de vida humana formou-se então na Atlântida, velho continente a oeste da Europa, do qual nos falaram Platão e outros autores antigos. Apesar da expulsão do Paraíso, os homens atlânticos ainda possuíam, muito mais do que nós, contatos íntimos com os mundos superiores. Sentindo em particular uma certa ligação com os planetas dos quais originalmente provieram, formaram centros de inspiração onde restabeleceram o contato com os entes inspiradores desses planetas. Esses lugares, os chamados oráculos, eram verdadeiros centros iniciáticos onde os mais avançados dentre os homens recebiam suas inspirações. Tais guias transmitiam as instruções dos deuses aos outros homens, sendo os líderes dos vários grupos sociais.

Na Atlântida formaram-se paulatinamente as raças primitivas e as línguas, estas a partir de uma proto-língua única. Devemos imaginar os homens atlânticos como ainda bem diferentes de nós. Somente no fim da época atlântica seu aspecto exterior se tornou igual ao nosso. Os homens tinham ainda muitos poderes, que hoje seriam considerados sobrenaturais. Eles podiam, por exemplo, modificar sua forma e tamanho, de acordo com os sentimentos que os animavam. Em comparação com o homem de hoje, sua consciência era muito mais nebulosa; sua inteligência, no sentido atual da palavra, era rudimentar.

Porém a evolução se fazia no sentido de um despertar cada vez maior do intelecto, e em muitas imagens de epopéias clássicas vemos a vitória do homem fisicamente frágil, porém mais inteligente, sobre um adversário que representava as forças mágicas nebulosas e indisciplinadas do passado: Davi e Golias, Ulisses e Polifemo. Os gigantes e dragões dos antigos mitos e fábulas ainda nos lembram aspectos de seres dessa espécie, transformados em imagens simbólicas.

Como na antiga Lemúria, ocorreram na Atlântida abusos de forças mágicas, inicialmente reservadas aos iniciados dos oráculos. Esses abusos produziram uma série de catástrofes aquáticas, que puseram fim à Atlântida; ela afundou, deixando em seu lugar o oceano

que traz seu nome. Antes e depois dessa catástrofe, houve grandes migrações de grupos humanos, que foram fixar-se nos vários pontos da Terra, formando as raças históricas. Houve tais migrações com destino à América, à África, à Ásia Oriental. Os homens mais evoluídos emigraram em último lugar para a Ásia Central, sob a condução de um grande iniciado chamado Manu. Esse nome está relacionado com o de Noé (Noah) da Bíblia, e, de fato, ambos são a mesma individualidade. Encontramos ainda a mesma raiz fonética em Manitu (grande espírito dos índios norte-americanos), no *manas* dos hindus e no maná (alimento dos israelitas após a fuga do Egito) e também em Menes e Minos, lendários fundadores das civilizações do Egito e de Creta, respectivamente.

Também a história do Dilúvio (pois o fim da Atlântida corresponde ao Dilúvio) faz parte de muitas religiões; ela coincide com as últimas épocas glaciais, levando-nos quase ao limiar dos tempos históricos que se desenrolam no chamado período pós-atlântico.

III. Época pós-atlântica

A Ásia Central, para onde se havia dirigido o grupo conduzido por Manu, constituiu por muito tempo um centro de irradiação de impulsos espirituais. Desde essa época, a evolução transcorreu em ritmo mais acelerado. Assistimos a ciclos culturais menores, e a Ciência Espiritual nos ensina que cada um desses ciclos é naturalmente um fenômeno da humanidade inteira, embora encontre seus protagonistas principais sempre em determinados povos, que lhes deram seus nomes. É como se um grupo saísse da penumbra para fazer uma contribuição valiosa para toda a humanidade, sendo substituído por outro, uma vez terminada sua missão.

Nesse sentido, dividimos a época pós-atlântica em vários períodos:

Um primeiro período pós-atlântico teve por cenário principal a Índia; daí seu nome 'período proto-índico'. Esse 'proto' significa que estamos ainda em épocas anteriores às das civilizações históricas;

assim, as grandes culturas históricas da Índia, com suas belas criações no campo da literatura, da religião e da filosofia, situam-se em épocas muito mais recentes, embora sejam impregnadas pelo espírito da época proto-índica, que durou aproximadamente de 7200 a 5000 a.C.

Os homens dessa época tinham ainda uma mentalidade bem diferente da atual, vivendo na recordação da origem espiritual da humanidade. Como ainda possuísssem uma certa clarividência, os mundos espirituais se lhes afiguravam como a ‘verdadeira’ realidade. A existência no mundo físico era, para eles, como uma expulsão passageira de sua verdadeira pátria espiritual. Eles não se sentiam à vontade na Terra nem se interessavam pela existência terrena, almejando, ao contrário, cortar o quanto antes os laços que os uniam a ela. O mundo físico era, para eles, ilusão ou *maya*. Encontramos a influência dessa atitude de fuga do mundo visível em toda a civilização hindu posterior, inclusive no bramanismo e no budismo.

Data da época proto-índica o sistema das castas, que era inicialmente uma divisão dos homens de acordo com o grau de sua pureza e evolução espiritual.

Já na segunda época pós-atlântica vemos aparecer um tipo de homem diferente. Essa época, a proto-persa, durou de 5000 a 2900 a.C. Seu guia espiritual era um grande iniciado, Zaratustra (personagem diferente do Zaratustra histórico, contemporâneo de Buda). Ele é descrito nas lendas como o inventor da domesticação dos animais e do cultivo das plantas, sobretudo dos cereais. Vemos, por essa lenda, que os homens dessa época se voltaram resolutamente para a Terra, vendo nela o alvo de suas tarefas. Havia, naturalmente, uma consciência de que existiam mundos espirituais, e de que o homem era um ser espiritual. Não obstante, o amor pela Terra e a vontade de dominá-la constituíam o fundo da mentalidade dos velhos persas.

Zaratustra sabia que o Antigo Sol, sede dos *Exusiai*, era o centro espiritual do nosso mundo. Ele vislumbrava no grande Espírito Solar (*Ahura Mazdao* ou *Ormuzd* — Grande Aura Solar) o ser divino que representava, por assim dizer, todas as forças do Bem; mas conhecia também a existência das forças adversas sob a conduta de Árimã, deus das Trevas. O Universo se lhe afigurava como campo de batalha

entre essas duas forças adversas, ambas de igual realidade. Temos aí a origem de todas as religiões e correntes 'dualistas', em particular do maniqueísmo e também dos cultos caracterizados pela adoração do Fogo ou do Sol.

O centro dessa época era a região iraniana.

Com a terceira época pós-atlântica, entramos na História propriamente dita. Conhecemos a civilização dessa época, a egípcio-babilônio-caldaica (2900–750 a.C.), pelas ciências históricas comuns, e sabemos que nelas o homem adquiriu definitivamente o sentimento de que a Terra era seu campo de ação. Havia ainda alguma clarividência, mas o interesse dos homens se concentrava na Terra. As grandes teocracias eram sistemas terrenos, embora o rei-sacerdote ainda fosse considerado como sendo de origem divina e recebendo suas inspirações 'de cima'. Mas, de um modo geral, o homem se comprazia na Terra e fazia tudo para ser feliz nesta vida, organizando-a de maneira prática. Assistimos aí ao surgimento da geometria e de outras ciências, embora ainda não sob forma abstrata. Invenções técnicas, como a da roda e dos aparelhos mais simples, a arte da irrigação, a elaboração de princípios de direito e administração caracterizam essa época.

Por outro lado, quando queriam conhecer as forças motrizes do nosso planeta os homens voltavam-se para os espíritos localizados nos astros. Em estados excepcionais de clarividência, sentiam a influência desses espíritos, de acordo com a posição e a ação combinada das estrelas. Dessa astrologia nasceu a primeira astronomia, o conhecimento das trajetórias aparentes dos astros, dos eclipses e dos demais fenômenos celestes. Ainda não se tratava de uma ciência matemática e mecânica, em que os movimentos eram determinados pela lei da gravitação, mas sim de uma sabedoria captada diretamente pelo conhecimento das forças espirituais dos astros!

Apesar de seu afastamento progressivo dos seres superiores, os homens dessa época sabiam muito bem quais as hierarquias superiores mais diretamente ligadas ao destino do homem. O supremo Deus Solar reaparece como Osíris e Tamuz, enquanto o conjunto das forças

lunares era sentido como que personificado em Ísis ou Ishtar. As forças adversas eram representadas por demônios ou deuses como Seth.

Contudo, muitos homens não podiam elevar-se à sabedoria suprema; inspirados por divindades inferiores ou anormais (seres luciféricos e arimânicos), dedicavam-se a uma sabedoria degenerada, origem de superstições e cultos selvagens.

Devemos ainda assinalar um fato importante. Na evolução anterior, o eu havia 'ocupado' os três corpos inferiores, e desse lento entrosamento haviam nascido as várias formas de consciência, que se manifestaram exteriormente pelos progressos do homem através das várias civilizações. Sua atitude perante o mundo marca o aparecimento de um novo elemento nessa terceira época pós-atlântica. Pela primeira vez o homem se integrou totalmente no mundo físico por meio do conjunto de seus sentidos. Estes lhe transmitiram, de maneira direta, o conhecimento do ambiente. É verdade que o pensamento do homem ainda não era conceitual e abstrato, mas apesar disso seu eu, em conjunto com seus sentidos, permitiu-lhe situar-se conscientemente no mundo. Para isso era imprescindível um novo 'órgão', um novo elemento de sua personalidade, e de fato vemos desenvolver-se nessa época a 'alma da sensação' ou 'alma sensível'. Esta já existia antes — do contrário o homem não poderia ter tido sentimentos em consequência das impressões sensoriais —, mas só nessa altura foi 'ocupada' e dominada pelo eu, tendo participado com destaque de sua vida consciente.

A quarta época pós-atlântica, a greco-romana, estende-se aproximadamente de 750 a.C. até 1413 d.C. À primeira vista, pode parecer estranho que toda a Idade Média seja unida à chamada 'Antigüidade Clássica', num mesmo período. De fato, essas culturas são bem distintas entre si, mas acharemos a solução ao lembrar que as épocas pós-atlânticas da Antroposofia não são divisões históricas, e sim períodos dominados por uma identidade de evolução espiritual. Todo esse período é caracterizado pela preponderância do intelecto, do raciocínio, da faculdade de pensar. Em termos antroposóficos: o eu 'vive' agora na alma do intelecto.

Os celtas e os germanos, contemporâneos da civilização greco-romana, não eram, nesse sentido, intelectuais; apresentavam um outro aspecto, desconhecido até então: sua mentalidade e suas manifestações eram imbuídas de uma vida emocional harmoniosa, decorrente de um mundo anímico interior rico e equilibrado. Esse aspecto também é uma característica dessa segunda parcela da alma, fazendo jus à sua denominação 'alma do intelecto' ou 'alma do sentimento'.

A presença dessa alma do intelecto ou alma do sentimento manifesta-se quase que abruptamente em todas as civilizações da época. Não somente na Grécia e em Roma, mas no mundo inteiro, vemos aparecer pela primeira vez as religiões sistemáticas, a filosofia, a ciência racional, etc. Basta lembrarmos Confúcio e Lao-tsé na China, Buda e o *Vedanta*, na Índia, os grandes profetas do judaísmo, o Zaratustra histórico na Pérsia, todos contemporâneos dos primeiros pensadores gregos e a eclosão da civilização helênica.

Jubilante, o homem conquista o mundo pelo pensamento, pela ciência, pela organização, pelas artes. Pela primeira vez temos cosmovisões homogêneas e racionais. Platão e Aristóteles criam a base do raciocínio, das formas políticas, dos métodos científicos e do direito. Seria bom meditar sobre o quanto nossa vida material e mental repousa em conquistas dos gregos e romanos.

Vemos, pois, o homem da Antigüidade lançar-se à conquista deste mundo, deixando atrás de si o conhecimento dos mundos superiores. Os laços com o supra-sensível são sempre mais frágeis. Podemos até dizer que a filosofia e a ciência nasceram justamente porque não havia mais suficiente conhecimento da realidade espiritual para explicar todos os fenômenos terrenos.

Porém esses laços, embora completamente esquecidos na vida social comum, não deixavam de ser cultivados em centros isolados, onde alguns homens preparados continuavam mantendo a velha tradição esotérica: eram os chamados 'mistérios', em que os adeptos tinham de passar por uma iniciação que lhes restituísse a comunhão com os mundos superiores. Em todas as partes do mundo encontramos vestígios desses lugares, onde a tradição esotérica era mantida em segredo, longe da sabedoria comum.

Toda essa evolução impetuosa da humanidade foi fruto do impulso provocado pelas forças luciféricas e arimânicas, tendo sido mais tarde simbolizado pela expressão 'expulsão do Paraíso'. As influências combinadas dessas entidades e das hierarquias superiores 'normais' deram origem à eclosão do homem na plenitude de sua genialidade e à riqueza de sua vida espiritual.

Mas se nessa altura a imagem do homem civilizado era ainda brilhante e admirável, seu lado espiritual estava cheio de presságios sombrios! Com efeito, o ímpeto triunfal das forças luciféricas e arimânicas era tal que em pouco tempo sua atuação teria tido conseqüências funestas para a vida dos mundos espirituais. Estes se teriam retirado do homem, abandonando-o ao triunfo das forças que iriam dominá-lo definitivamente, empurrando-o para um caminho errôneo, onde seu eu se tornaria uma caricatura do que deveria ser.

Essa evolução e esse perigo tremendo eram previstos pelos iniciados. Em Osíris, assassinado por Seth, em Dionísio, despedaçado pelas Mênadas, no 'Crepúsculo dos Deuses' dos germanos, na luta entre Ormuzd e Árimã e no Hades lúgubre de Homero, mundo 'espiritual' reservado aos mortos, temos imagens desse receio. Abandonado às influências de Lúcifer e Árimã, o homem não tinha forças suficientes para resistir-lhes. Por isso os mundos espirituais resolveram proporcionar-lhe ajuda por meio de um ato cósmico de suprema importância. Sem influir de maneira alguma em sua liberdade e em seu livre arbítrio, esse acontecimento marcante deveria trazer ao seu alcance uma possibilidade de salvação. Um impulso novo deveria permitir-lhe encontrar uma fonte regeneradora das forças cósmicas puras. Estamos nos referindo ao Mistério do Gólgota, à morte e à ressurreição de Jesus Cristo.

Um ente cósmico fora, desde o início, designado para compartilhar da formação e da evolução do homem. Ele atuara na 'criação' do nosso mundo; agira na formação do eu, atuando, por assim dizer, por detrás e por meio dos *Exusiai*, que tinham doado ao homem o primeiro germe dessa 'substância' espiritual de seu eu. Esse ente deixara o homem entregue às influências de Lúcifer e Árimã a fim de que estes contribuíssem para amadurecê-lo; mas no momento histórico

aludido, diante do perigo de ver frustrada sua obra, esse ente teve de intervir — e teve de fazê-lo na esfera que era o *habitat* do homem, isto é, o mundo físico.

Esse ente — podemos chamá-lo de Eu Cósmico; os gregos chamaram-no de *Logos* — era, no período proto-persa, o Grande Espírito Solar que apareceu como Ormuzd; ele se escondeu detrás das divindades solares das várias religiões pré-cristãs (Osíris, Baldur, etc.). Os grandes iniciados sabiam de seu caminho descendente das esferas celestes em direção à Terra. Foi ele quem se manifestou a Moisés nos elementos quando, aparecendo no meio da sarça ardente, ‘Deus’ e Moisés tiveram um diálogo de significado cósmico (Êxodo 3, 13–14):

Disse Moisés a Deus: Eis que quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: o Deus de vossos pais enviou-me a vós — e eles me perguntarem: qual é o teu nome? — que hei eu de responder-lhes? Disse Deus a Moisés: Eu sou o Eu-Sou — e acrescentou: Assim dirás aos filhos de Israel: o Eu-Sou enviou-me a vós.

Quem assim falou foi o Eu Cósmico!

Finalmente esse ser supremo devia descer até a matéria terrena, encarnando-se num ser humano. Isso aconteceu quando, no momento do batismo no Jordão, o ser divino (Cristo) entrou num homem (Jesus de Nazaré), permanecendo nele até a morte na cruz.*

Não vamos tentar analisar aqui o sentido desse mistério. Basta dizer que a ressurreição significa que a queda do homem no Paraíso, a derrota ante as forças negativas foi superada por esse ato de sacrifício — que a pureza do corpo paradisíaco foi restabelecida no corpo da ressurreição**, e que a imolação do ser cósmico significa a entrada, no próprio corpo da Terra, do impulso desse ser. Doravante, o homem pode haurir desse impulso e procurar realizá-lo pela moralidade de seus atos. Cristo, que passou a ser o Espírito da Terra depois de ter sido o Espírito Solar, oferece-lhe a possibilidade de sua própria ressurreição, desde que o homem queira aproveitar-se dessa graça.

* Cf. Rudolf Steiner, *O Evangelho segundo João — considerações esotéricas*.

** Cf. Rudolf Steiner, *De Jesus a Cristo: o sentido esotérico da Redenção*.

O homem pode, pois, sair da situação atual. Para isso não deve repudiar Lúcifer nem Árimã. Com efeito, estes lhe deram impulsos que ele nunca deveria renegar; mas em vez de ser dominado por eles o homem deve mantê-los em equilíbrio, deixando-se inspirar pelos mesmos, mas sempre de acordo com sua própria decisão.

Torna-se mister manter em equilíbrio os impulsos de Lúcifer e Árimã, neutralizando-lhes o ímpeto excessivo. Essa tarefa não cessou com o aparecimento do Cristo na Terra. Ao contrário, os esforços de Lúcifer e Árimã são redobrados na época atual, e nunca antes a humanidade esteve de tal maneira ameaçada por um fracasso em sua missão cósmica. Toda a crise de nossa época pode ser interpretada a partir dessa premissa. Só então compreenderemos não só o drama cósmico que se desenrola ante nossos olhos, mas também o papel fundamental que cabe a cada um de nós para levá-lo a um desfecho favorável.

IV. A humanidade na encruzilhada

Desde o começo do século XV vivemos no quinto período pós-atlântico, caracterizado pela eclosão da alma da consciência. Agora o homem não só compreende o mundo e quer dominá-lo (para isso bastava a alma do intelecto), mas se sente como um indivíduo em oposição ao mundo, sendo que a relação 'eu-mundo' se lhe torna quase insuportável. A autoconsciência nasce e, com ela, a solidão, a angústia, a insistência das 'perguntas eternas'. Surgem figuras como Lutero revoltando-se, com todo o peso de sua personalidade, contra a Igreja; os heréticos, que morrem por suas idéias; Michelângelo, Rembrandt, Beethoven, criações como *Fausto*, *Hamlete* e *Raskolnikoff*, sofredores como Kierkegaard e Nietzsche, filósofos corajosos como Sartre e Camus. Em todas essas figuras, inconcebíveis em épocas anteriores, manifesta-se essa alma da consciência. E acaso não a sentimos em nós, inspirando nossas dúvidas e nossas perguntas eternas?

A época da ciência e da técnica começou com o Renascimento. O intelecto e o espírito crítico tomaram conta de tudo. Ruíram as

religiões e as crenças, a representação de um mundo espiritual, de um Deus criador e mantenedor do Universo; ruíram as vetustas instituições sociais do Estado e da família, as tradições de respeito perante o mestre, a autoridade e os valores humanos em geral. Reinam o cinismo, o niilismo e o desespero.

Não vamos fazer ressuscitar as velhas tradições e instituições. O que morreu está morto. Mas devemos perguntar: onde estamos, e qual é o sentido dessa crise? Ela se nos afigura assim: o homem foi separado da harmonia divina pela ‘tentação’; perdeu a perfeição e a saúde, mas ganhou o intelecto, o livre-arbítrio e a dignidade humana em potencial. Todavia, esse desenvolvimento o levou ao caos, ao niilismo — numa palavra, à situação que acabamos de esboçar. Futuramente o homem deve voltar à harmonia, ao ‘Paraíso’, ao mundo divino do Amor, mas desta vez não como um autômato (como o era antes da Queda), mas com todas as conquistas de sua peregrinação terrena: o intelecto, a consciência, o livre-arbítrio. Livremente, por uma série infinita de atos de Amor (sendo esta palavra tomada em sua acepção mais universal), não obstante e contra todos os obstáculos e tentações, o homem deve realizar em si e por si a harmonia eterna. É esse o ‘Reino de Deus’, a volta à origem, o sentido da evolução da humanidade.

E nós estamos no ponto crucial: ou acharemos o caminho da nova subida, amparando-nos no verdadeiro impulso de Cristo e vencendo todos os obstáculos, ou mergulharemos definitivamente num estado de tecnicismo, de desumanização, de caos moral e, quiçá, de completa automatização despersonalizada.

Devemos olhar para a frente, para a tarefa futura, e não lamentar condições passadas, seja qual for a atração exercida por sua harmonia e por sua beleza. Devemos tomar o destino em nossas mãos — livres, conscientes, com pleno aproveitamento do nosso intelecto e de tudo o que conquistamos, mas tendo como ideal uma nova imagem do homem. Isso implica numa espiritualização lenta do nosso mundo por nós mesmos, cabendo a nós abrir-nos ativamente, conscientes, qual criadores autônomos — aos impulsos espirituais, a fim de realizá-los na Terra.

É grandiosa a idéia de que o homem poderá redimir a Criação e fazer voltar todo o nosso Universo à harmonia primitiva, desde que trabalhe incessantemente em si próprio. Para poder fazê-lo, deve estar consciente dos perigos que o rodeiam e do ideal que deve procurar atingir. Esse processo se estenderá por séculos e milênios. Rudolf Steiner disse que depois do nosso haverá mais dois períodos pós-atlânticos. Em seguida começará um lento processo de desagregação da matéria, em meio a terríveis lutas sociais, que provocarão grandes catástrofes, em nada inferiores ao Dilúvio.

Paralelamente à desintegração da matéria, haverá uma lenta desmaterialização da Terra. A humanidade passará a viver menos ‘encarnada’. Após um novo *pralaya*, haverá mais três ‘encarnações’ da Terra, onde o ser humano transcenderá seu estado de ‘homem’, alcançando graus de evolução correspondentes ao atual estado dos anjos, etc. Todavia, isso só acontecerá com os homens que, vencendo todos os obstáculos, chegarem à sua reintegração na harmonia divina. Os outros, definitivamente dominados por Lúcifer e Árimã, ficarão para trás e não passarão do estado humano, constituindo, em encarnações futuras da Terra, reinos ‘atrasados’ como o é hoje, por exemplo, o reino animal em comparação com o homem.

Mas voltemos à época atual. O título deste capítulo — ‘A humanidade na encruzilhada’ — torna consciente a importância histórica justamente de nossa época. Por quê? Porque em épocas anteriores a humanidade, não possuindo uma consciência tão desenvolvida, ainda foi guiada pelas influências ‘boas’ ou ‘más’ dos mundos espirituais. Hoje somos conscientes e responsáveis; temos nosso destino em nossas mãos. Por isso precisamos ter em vista nossa tarefa futura e os perigos que a ameaçam.

A tarefa é simples: desenvolver nosso eu, nossa consciência, nosso livre-arbítrio; conhecer, amar e dominar a Terra, mas sempre de acordo com a inspiração cósmica; afirmar nossa autoconsciência e ao mesmo tempo espiritualizar-nos. Disso resultam duas possibilidades de aberração:

1. Podemos desprezar a Terra e a autoconsciência, procurando voltar o quanto antes a um reino espiritual. Quem nos induz a essa

atitude é Lúcifer. Ele atua por trás de tudo o que faz o homem perder a plena consciência de si e sua firmeza na Terra: são os estados inconscientes ou de êxtase, o entusiasmo e as excitações de toda espécie. Como já dissemos, Lúcifer fez muitas contribuições valiosíssimas: as artes, os ideais e qualquer elevação da alma são obra sua. A influência luciférica é ótima desde que dominada por um eu consciente; e nefasta quando torna o homem inconsciente, quando lhe tira a sobriedade e a serenidade, o raciocínio e a contemplação refletida, provocando a excitação e o irracionalismo.

2. O outro pólo é Árimã. Ele despreza o verdadeiro espírito, nega os mundos espirituais e quer proporcionar ao homem a ilusão de que o que é racional e lógico na Terra já é o verdadeiro espírito. Daí a luta de Árimã em prol de todas as formas de materialismo, da intelectualização, da abstração (o verdadeiro espírito nunca é abstração). Como Lúcifer, Árimã nos ofereceu dádivas de grande valor: o pensamento lógico e a matemática são manifestações arimânicas. Porém em sua luta contra os impulsos espirituais Arimã recorre, amiúde, ao cinismo e à ironia.

Na Antroposofia não existe, pois, o 'Diabo' como força do mal. Existem, sim, duas forças cósmicas, possuindo cada qual sua missão específica e tornando-se 'más' quando o homem se deixa dominar por elas.

Do ponto de vista exposto, muitos fenômenos e instituições da vida moderna aparecem sob nova luz. Examinaremos rapidamente alguns desses aspectos:

Toda a vida científica atual é determinada pela tendência a fugir das qualidades e fenômenos qualitativos, para expressá-los quantitativamente. A fórmula, a lei abstrata, são a finalidade suprema. Por exemplo, a fórmula da velocidade — $v=c/t$ — é considerada a última explicação da velocidade V . Mas o que significa um caminho dividido pelo tempo? Uma realidade? Certamente não. Afirmar que a qualidade 'vermelho' é dúbia por ser subjetiva, devendo ser substituída por 'radiação de uma frequência de...' , nada diz sobre o vermelho como sensação, sobre as qualidades intrínsecas. O perigo é que essa

mentalidade se generalize fora da própria Física, passando ao subconsciente do homem. O mesmo aconteceu com a Biologia: durante gerações ensinaram ao homem que ele descende do animal, nada possuindo que já não exista no animal; ele acabou comportando-se como um animal!

Essa abstração, manifestação de Árimã, faz considerar o corpo humano como um laboratório ou uma máquina. O médico é uma espécie de chefe de oficina, encarregado de consertar o defeito, e não estamos longe do tempo em que exame, diagnóstico, terapia e controle serão feitos por computadores, realização máxima do espírito arimânico.

O psicólogo tem uma posição das mais ingratas — deve falar de algo que tem a certeza de não existir: a alma. Daí suas afirmações muitas vezes incoerentes. Negando por completo a existência de uma psique autônoma, muitos psicanalistas a consideram como uma espécie de conglomerado de funções biológicas e, ao falar de qualidades anímicas, apressam-se em achar-lhes as causas fisiológicas ou químicas: é a negação de qualquer elemento espiritual superior e, por isso, atitude tipicamente arimânica.

Na política, como na vida econômica, o homem moderno esqueceu que está em presença de verdadeiros organismos. A aplicação de critérios puramente intelectuais e 'lógicos' não pode resolver os problemas desses setores. Quanta inteligência não está sendo gasta para a solução dos problemas sociais e econômicos, sem qualquer resultado! Por quê? Esqueceram-se de uma coisa: do homem — um ser não apenas econômico, político ou social, mas anímico e espiritual, não podendo ser captado pela aplicação unilateral dos princípios da Antropologia e da Sociologia, ciências que constituem uma *contradictio in adjecto*. Uma atitude mais realista implica na superação desses pontos de vista abstratos, arimânicos.

Um elemento puramente racional penetrou também nas artes. Mais do que nunca, o elemento cerebral predomina. Até o espontâneo e o caótico são calculados, desde a música eletrônica até a plástica de ferros retorcidos. Com isso não queremos julgar essas criações, mas apenas indicar-lhes o caráter.

Por outro lado, aparecem também nas artes inúmeros impulsos emocionais em que predomina o elemento luciférico. Raramente, porém, podemos dizer, frente a uma obra contemporânea, que nela achamos o perfeito equilíbrio entre o elemento ‘conteúdo’ (que seria o equivalente de ‘luciférico’) e o elemento ‘forma’ (elemento ‘arimânico’).

Passaremos agora ao campo extremamente vasto dos ‘passatempos’, frisando em primeiro lugar o contra-senso dessa nova indústria. A racionalização do trabalho deveria ter por objeto libertar o homem da escravidão daquele, dando-lhe o tempo e as forças necessárias para dedicar-se a atividades superiores. Como seria bom se o homem, dono da máquina, usasse realmente o tempo poupado para tornar-se mais digno e mais consciente de suas tarefas, aspirando a realizar valores novos e elevados! Mas o que faz com o tempo economizado? Procura ‘matá-lo’. Tomado pelo pânico de ficar a sós consigo mesmo, de ter de concentrar seu espírito em algo mais elevado, ele se refugia nos passatempos: rádio, revistas, baralho, tevê, leituras superficiais de livros ‘cativantes’, festas, narcóticos. Esquecer e fugir de si próprio, eis o lema e a razão de ser da indústria de passatempos, umas das maiores vergonhas da humanidade, que tem por única finalidade tornar o homem inconsciente ou semi-inconsciente, alienando-o de sua tarefa primordial. Temos aqui a técnica acoplada à inconsciência, triste exemplo de colaboração entre Árimã e Lúcifer.

Vejamos as mais recentes conquistas nesse domínio: a tevê, as revistas de histórias em quadrinhos (nem o esforço consciente da leitura é mais necessário), o nível da média dos filmes, as viagens frenéticas, os jogos de azar... uma geração inteira que se afunda na alienação de si mesma. E o aspecto mais diabólico é que as crianças são inundadas, desde o nascimento, pelo ‘benefício’ dessa indústria. Como é que uma geração de homens maduros e conscientes pode nascer de crianças viciadas desde o berço?

A propaganda, sob todas suas formas, constitui outro atentado contra a consciência; apela habilmente aos instintos menos elevados — cobiça, vaidade, egoísmo, sensualismo —, mas o faz de modo subreptício, dirigindo-se ao subconsciente, quando não trabalha trai-

çoeiramente com efeitos subliminares. Triste espetáculo numa hora em que o homem deveria estar cada vez mais lúcido e consciente em todos os seus pensamentos e decisões.

Devemos dizer o mesmo dos *slogans* políticos ou sociais, das ideologias, dos falsos fanatismos e de tudo o que fortalece o espírito gregário, a mentalidade puramente emocional de grupos e, por isso mesmo, semi-inconsciente. Todas essas nefastas influências luciféricas contribuem para a esquizofrenia do homem moderno, que é atraído pelos extremos do materialismo e da abstração, por um lado, e da embriaguez e da inconsciência de sua vida emotiva, por outro. Falta-lhe o ponto de apoio, do meio. Parece que o homem moderno prefere a justaposição incoerente e chocante dos dois extremos, em lugar de sua harmonização.

A polaridade Lúcifer–Árma aparece até na configuração espiritual da Terra. Rudolf Steiner foi o primeiro a insistir no fato de o mundo oriental (Rússia–Ásia) ser caracterizado pelas emoções, pelo espírito de comunidade (em detrimento do eu individual) e pelo idealismo extático (Dostoiévski, o messianismo comunista), enquanto o Ocidente é dominado pelo intelecto, pelo individualismo extremo (muitas vezes em detrimento do amor ao próximo) e pelo utilitarismo.

Poderíamos prolongar infinitamente essa lista de manifestações das influências de Lúcifer e Árma. O leitor atento poderá continuar essa análise e chegar à mesma conclusão de que nossa tão decantada civilização moderna contém em seu cerne os mais graves perigos para uma aberração definitiva da humanidade, a não ser que um número suficientemente grande de pessoas se conscientize da existência desses perigos e faça os esforços necessários para combatê-los.

A Antroposofia quer fomentar essa consciência e despertar as contra-forças. Ela identifica essa sua doutrina com um verdadeiro cristianismo que tem por centro não o Jesus Cristo adocicado e banalizado das religiões cristãs, mas o Ser Supremo sob cujo impulso devemos realizar nossos atos, sob pena de perder a dignidade humana.

O destino humano

Começamos nosso estudo com uma análise do ser humano e, pouco a pouco, fomos levados a passar em revista toda a evolução espiritual da humanidade para compreender a situação atual do homem. Voltamos agora ao ponto de partida com a pergunta angustiada: para que serve essa grandiosa evolução, se vamos morrer sem participar dela? Para que serviu no caso do homem pré-histórico, que nem chegou a ter a revelação de seu eu, de sua dignidade humana?

De fato, esse desenvolvimento não teria sentido se o homem não participasse dela em todos os seus estágios — não o ‘homem’ como abstração, mas cada um de nós. A necessidade de viver repetidas vezes, isto é, a reencarnação, aparece como um postulado da mais simples lógica. Já conhecemos a idéia antroposófica segundo a qual a existência humana não é única e isolada; agora devemos investigar como essas encarnações se encadeiam, como o homem individual toma parte na corrente evolucionista. Cada época, como já vimos sobejamente, traz uma contribuição ao desenvolvimento humano. Se existisse apenas esse motivo, para o homem já seria suficiente voltar periodicamente à Terra a fim de aprender algo novo.

Além disso, porém, o homem nem sempre ‘avança’ nessa peregrinação. Como ser imperfeito que é, vítima de mil influências perniciosas, autor de mil ações ou pensamentos negativos que lhe mancham a integridade moral e intelectual, ele deve ter oportunidade de reparar esses atos e atitudes, sob pena de se deteriorar cada vez mais. Essa oportunidade lhe é oferecida por uma causalidade espiritual que liga uma vida sua à outra, sendo designada pelo termo de origem hindu ‘carma’. Carma significa, portanto, destino no sentido mais amplo. Nada de espiritualmente relevante fica sem efeito numa vida subsequente, e muito do que nós enfrentamos como destino, aptidões, encontros, predisposições, vivências, é conseqüência de nossos atos em vidas anteriores. Não tudo! Porque sempre há acontecimentos novos, sem motivação cármica, oriundos de decisões livres ou da necessidade de aprender algo ‘novo’.

Mas, dirão alguns, acaso não temos uma relação de causa e efeito que determina o homem completamente, sem deixar-lhe a mínima liberdade? Na realidade, a situação é outra. Eu posso reencontrar uma pessoa com a finalidade de ‘acertar’ uma velha conta cármica. Mas se, de fato, nas circunstâncias concretas do novo encontro eu pratico o ato reparador, isso está em minha liberdade. Meu carma me colocou apenas na possibilidade de fazê-lo; daí meu novo encontro.

Eu posso nascer surdo-mudo, ou filho de pais alcoólatras que me maltratam — essa é a situação cármica; mas o que faço nessa situação está na minha autonomia. Eu posso me revoltar, me embrutecer ou ser um anjo de paciência e amor: três atitudes que dependem fundamentalmente de mim.

Desta maneira o destino, que parece um acaso vindo ‘de fora’, foi, na realidade, preparado por mim. Eu mesmo, em minha estada nos mundos espirituais, sabia que iria precisar desse destino para me desenvolver. Junto com os seres espirituais ao meu redor, preparei as circunstâncias de minha futura existência, contra as quais posso mais tarde até me revoltar devido ao véu terreno que me cega a compreensão.

Vejamos agora algumas situações excepcionais, a título de exemplo, guardando-nos bem de fazer generalizações e simplificações que só poderiam falsear a realidade.

Pelo próprio nascimento, estou enfrentando uma importantíssima situação cármica. Com efeito, o fato de nascer em tal família, de tais pais, em tal ambiente, é um destino único, que orientará minha vida inteira. A hereditariedade, isto é, a carga hereditária de meus progenitores, determina muitas das minhas qualidades físicas e anímicas: a predisposição para as artes e doenças, o temperamento e muitos aspectos da personalidade, os quais, evidentemente, têm uma base corpórea. Mas isso não constitui um acaso; eu mesmo preciso dessas faculdades para viver minha vida. Isso leva à conclusão de que o homem escolhe seus pais, afirmação que pode parecer paradoxal e ridícula aos menos avisados.

Contudo, não somente a família, mas também a cidade, o país, a língua, o povo, a religião dos pais, constituem dados que o ho-

mem encontra ao nascer, como se fossem bastidores do primeiro ato de sua vida.

Depois vêm os encontros 'fortuitos': professores, colegas de estudos, amigos, o cônjuge, os filhos — outros tantos eus com os quais, ao menos em parte, o indivíduo já conviveu em vidas anteriores, talvez criando situações e problemas que haviam ficado sem solução.

Há também, em cada vida, circunstâncias que não são ligadas a pessoas — por exemplo, as doenças, que podem ter muitos aspectos. Uma doença pode ser a manifestação física de um defeito da organização astral ou etérica, conseqüência de uma atitude moral ou mental censurável; pode também ser uma 'prova', no sentido de um obstáculo que o homem deve vencer; pode ainda constituir um sacrifício. Imaginemos uma criança que adoeca e até morra, causando à sua mãe uma violenta dor que para ela constitua um 'golpe do destino'. Podemos imaginar que tal criança, para ajudar sua mãe a ter essa vivência (tão cruel, de acordo com os conceitos da vida comum), renunciou a ter uma encarnação normal e uma vida completa, morrendo jovem. Todas essas são explicações possíveis, que o iniciado poderá investigar. Trata-se de um domínio onde o respeito e a serenidade são mais necessários do que nunca. A curiosidade, o sensacionismo e a precipitação do julgamento devem ser evitados nessa esfera, onde às vezes se sente o dedo da Providência Divina.

Lembremo-nos sempre de que não vivemos para ser 'felizes', no sentido burguês da palavra. A felicidade de uma vida deve-se medir pelo progresso do indivíduo no caminho da perfeição moral, e não pela soma das cobiças satisfeitas ou pela ausência de desejos.

Haverá quem diga: mas acaso não sabemos, pelas descobertas médicas, que a maioria das doenças é causada por bacilos? A relação causal não existiria, pois, entre a vida anterior e a doença, mas sim entre a presença do bacilo e a doença. Isso é exato e inexato ao mesmo tempo. A hereditariedade é a 'causa' de certas qualidades minhas, mas na realidade eu sou a 'causa' dessa hereditariedade. Da mesma forma, não há muitas doenças sem bacilos; mas o carma faz com que me infeccione com os mesmos. Quantos médicos e enfermeiras, constantemente em contato com doentes contagiosos, nunca

contraem moléstias? Quantas crianças cujos pais as põem na cama de seus irmãos atingidos por uma doença infantil, 'para que todos a tenham de uma vez', não são atingidos por ela?

Já foi dito que o homem, de um ser criado, passou a ser 'criador'. No caso das doenças, o homem pode ser um 'criador' muito negativo. Pode intrometer-se no carma de outrem, tornando, por exemplo, a eclosão de uma doença impossível mediante uma vacinação preventiva. Esse caso é dos mais complexos. A arte médica deve, naturalmente, zelar pela vida e pela saúde dos homens; mas uma coisa é controlar uma doença para tirar-lhe os efeitos perigosos, e outra é eliminá-la completamente. Há justamente doenças de infância, como a coqueluche, que têm um sentido cármico e não devem ser impedidas. Muitas vezes verificamos também que uma doença (como pneumonia) eliminada, por exemplo, por antibióticos volta logo depois ou deixa o corpo fraco e vulnerável. O médico deveria conhecer o significado de cada doença e, conseguindo preveni-la, deveria pensar em proporcionar ao doente outros meios de realizar a tarefa cármica que originalmente tinha a doença como instrumento. Ninguém vai pregar a volta às epidemias de cólera e de peste bubônica; e ninguém vai dizer algo contra a higiene e a prevenção razoável de certas doenças. Mas talvez Rudolf Steiner não estivesse equivocado ao dizer que a erradicação de certas epidemias só poderia ter sido benéfica para a humanidade em geral se acompanhada de um progresso simultâneo, correspondente, no campo espiritual.

Acaso não há motivo para reflexão, ao se verem os povos mais 'civilizados' e de ambiente mais higiênico (Suécia, Suíça, Estados Unidos) oferecer uma percentagem cada vez maior de psicopatas e neuróticos? Tem-se a impressão de que, muitas vezes, algo que procurava uma explosão física sob forma de doença, não mais podendo realizá-la, provoca uma 'congestão' psíquica. De qualquer maneira, as doenças contêm mais problemas do que a ciência médica comum conhece, mormente quando considera o corpo humano apenas com a mentalidade de um mecânico encarregado de consertar uma máquina em pane. As doenças mentais, e em particular a própria demência, possuem também um sentido mais profundo do que se dese-

ja admitir. O leitor já saberá, nesta altura, que o eu humano não pode estar demente. O que ocorre é que sua manifestação por meio dos instrumentos corpóreos está impedida ou dificultada. A ligação com o intelecto e com as faculdades anímicas superiores está defeituosa, por motivos que só o clarividente pode analisar em todo o seu significado cármico. Nada mais desumano do que tratar esses pobres doentes como animais, negando-lhes amor e atenção.

Que sabemos nós, homens comuns, da receptividade, justamente dessas criaturas, ao carinho e à paciência? Talvez seja nossa tarefa desenvolver forças de amor por seres como esses; ignorando-os, mandando-os para longe, para maior comodidade de todos, cometemos um crime contra nós mesmos! Novamente não queremos, em absoluto, falar contra casas de saúde onde esses doentes vivem num ambiente de carinho e atenção; queremos apenas despertar a atenção para o lado 'cármico' que muitos fatos podem ter.

O leitor já terá compreendido que acidentes, desgraças, golpes do destino são muitas vezes, para as 'vítimas', outras tantas oportunidades para mostrar de que realmente valem. Em cada circunstância, mesmo sendo o resultado final inevitável, o homem ainda pode tomar esta ou aquela atitude. É nisso que reside sua liberdade, e não nas ações morais aparatosas e tonitroantes que são apenas manifestações de vaidade.

Existe também o carma de grupos.

Poderíamos estender-nos muito sobre esse ponto. Porém não é isso o que importa — o que convém é acordar para uma nova atitude perante a vida, uma atitude positiva, qualquer que seja a dureza do destino. Devemos libertar-nos do sentimento de fatalismo e de irresponsabilidade, aceitando o destino não como um acaso ou punição, ou ainda como um divertimento dos deuses, mas como um meio importante que as hierarquias superiores nos deram, a nós, as próprias vítimas do destino, para melhor aproveitar nossa vida. Com efeito, somos autores ou, pelo menos, co-autores de nosso próprio destino.

O verdadeiro antropósofo dirá, ao enfrentar qualquer golpe do destino: "Essa experiência, eu mesmo a preparei, para o meu próprio bem!"

A evolução da criança

Em fins do século passado, o grande biólogo Ernst Haeckel formulou sua genial lei biogenética fundamental: “Em sua evolução embrionária, todo animal percorre, sucessivamente, estados correspondentes aos graus de evolução que os animais inferiores percorreram, na história das espécies, até chegar a ele.” Essa lei pode ser aplicada, de certa maneira, à evolução da criança: ela também repete, de maneira concentrada, as várias fases da evolução anímico-espiritual do gênero humano.

Antes de examinar as etapas da evolução da criança, lembremos de alguns fatos importantes:

1. A personalidade não nasce com o nascimento! O eu de um recém-nascido é tão antigo como o de qualquer outra pessoa. Na presente encarnação, porém, ele ainda não permeou os diversos envoltórios terrenos.
2. No decorrer da vida, o eu procura realizar-se, a si e ao seu carma. Pais e educadores devem ajudá-lo nessa tarefa.
3. Daí a grande responsabilidade de quem lida com crianças. Não se pode criar uma personalidade, um eu! No entanto, pode-se favorecer ou dificultar seu desabrochar correto.
4. Muito do que é aprendido na vida infantil e esquecido depois reaparece mais tarde, sob forma de faculdades adquiridas. A lei da metamorfose domina a evolução da criança.

Rudolf Steiner ensina que a vida humana é caracterizada por ciclos de sete anos, marcados pela predominância de determinada configuração anímico-espiritual. Sem investigar o ‘porquê’ desses ciclos, estudaremos rapidamente os três primeiros.

Ao nascer, o corpo físico está ‘acabado’. Existem e funcionam todos os órgãos (menos os da reprodução). Durante os primeiros sete anos, porém, o corpo etérico ainda está intimamente ligado ao corpo físico, consolidando-o, estruturando-o e dotando-o de funcionamen-

to correto: pouco a pouco a criança se fixa na alimentação dos adultos, ergue-se, aprende a mover-se no espaço e a falar; finalmente, o aparecimento da segunda dentição marca a época em que essa tarefa plasmadora do corpo etérico chega a um certo fim, libertando-o em parte para outras funções. Poderíamos, pois, dizer que o nascimento de um corpo etérico autônomo só ocorre aproximadamente aos sete anos, na idade em que a criança está pronta para entrar na escola.

Quem conhece a existência de um corpo etérico e, mais ainda, quem admite seu intenso desenvolvimento durante os primeiros sete anos de vida (o corpo físico foi construído durante os nove meses de gestação), não estranha que esse corpo precise de ‘alimentação’ adequada. Em outras palavras: para se desenvolver harmoniosamente, o corpo etérico deve receber certos impulsos; em caso da falta destes, ou quando são prejudiciais, o corpo etérico não desenvolve harmoniosamente suas forças e funções. Quais são esses alimentos úteis?

Em primeiro lugar, tudo o que constitui um ritmo. A regularidade da vida cotidiana (horas certas para se levantar, comer, deitar) e a repetição de certos atos (passeios, orações) constituem uma poderosa ajuda para o fortalecimento do corpo etérico, dando à criança uma confiante segurança.

Depois, a criança deve ter a possibilidade de dar vazão à sua fantasia criadora. De dentro para fora, deverá desabrochar uma vida anímica baseada principalmente no corpo, na vida orgânica e seus ritmos. Contos de fadas devem animar a imaginação; brinquedos simples devem ceder lugar à fantasia. Nada de trens elétricos, de brinquedos mecânicos, de bonecas de plástico — horríveis caricaturas de seres humanos. Todos esses brinquedos matam a imaginação da criança e desfiguram seus instintos plasmadores e sadios. Nada tampouco de formas geométricas, de jogos de plástico que deturpam o sentido tátil da criança. Materiais naturais, pedaços de madeira, panos, pedras, conchas, plantas, areia, lápis de cera — eis os companheiros ideais com os quais a criança pequena, cheia de imaginação, constrói ‘seu’ mundo.

Nessa idade, mais do que em qualquer outra, a criança, meio inconsciente e sonhadora, está entregue às influências do ambiente.

Tudo a permeia. Como seu organismo tão delicado sofre com discussões em voz alta entre seus pais, com o ruído do rádio, com as irradiações da tevê, com o barulho e o nervosismo da nossa vida urbana e com as mudanças bruscas de ambiente! O ideal seria deixar a criança pequena entregue à sua fantasia, num mundo harmonioso, sem distúrbios. Nessa idade, ela não é acessível a conceitos morais e regras abstratas de comportamento; vive imitando seu ambiente, em geral sem qualquer consciência disso. Muitas vezes a semelhança de uma criança com seus pais ou avós não é congênita, mas adquirida pela imitação de gestos e expressões. O que educa é o exemplo dos pais e irmãos, e não os gritos e preceitos lógicos.

Durante os primeiros três anos, a criança aprende mais do que em qualquer outra época da vida: o andar ereto, o falar e o pensar são três vitórias básicas sobre o animal. Com elas a criança se torna homem. Durante essas três conquistas e todo o resto da evolução, pais ou outros adultos devem estar sempre presentes para oferecer sua mão, tão firme quanto carinhosa. A pequena criança deve ser guiada! Nada mais errôneo do que deixá-la sempre 'livre'. A disciplina e a regularidade são alimentos de sua organização etérica, base para toda a sua vida futura.

Se muitas vezes as crianças já aparentam um caráter bem pronunciado, salvo erros de educação elas ainda não possuem manifestações tipicamente intelectuais e conscientes. Naturalmente a criança pequena possui um eu, mas ainda sem autoconsciência. Ela vive entregue ao mundo exterior que a permeia. Até a idade de três anos, ela nem emprega as palavras 'eu' ou 'você': chama a si própria por seu nome ("Maria quer comer"), sendo que somente a partir dessa idade nascem os primeiros vestígios da memória permanente. O adulto, em geral, não tem reminiscências de fatos anteriores à idade de três anos.

Qualquer despertar artificial e prematuro das faculdades sentimentais e mentais prejudica a evolução harmoniosa da criança. Ela chegará sozinha ao grau de desenvolvimento que constitui o fim desse primeiro período de sete anos e que se manifesta por vários sinais: ela se alonga, seus dentes definitivos aparecem, ela muda de aspecto

e tudo indica que com o segundo período de sete anos ela está ingressando na maturidade escolar.

*

O segundo período, que se estende dos sete aos catorze anos, é caracterizado pelo desenvolvimento intensivo do corpo astral, que passa a ser o elemento predominante até seu turbulento ‘nascimento’ definitivo, no momento do rebuliço da puberdade. A astralidade toma, então, posse do corpo físico.

Durante essa fase — que corresponde à idade escolar — é principalmente o corpo astral que deve ser ‘alimentado’ de maneira sadia, como o corpo etérico o foi durante a época anterior. Os sentimentos se formam e necessitam de impulsos apropriados. Os sentidos, de simples órgãos sensitivos, passam a ser ‘antenas’ de uma alma: a criança começa a apreciar música, pintura; compartilha dos sofrimentos e das virtudes dos heróis de suas leituras; numa palavra, a alma e a vida anímica passam ao primeiro plano.

Nessa idade a criança desenvolve seus dons artísticos. Ao mesmo tempo o corpo etérico, liberto de suas tarefas do primeiro setênio, torna-se instrumento poderoso do pensar e da memória. Ainda seria prematuro qualquer intelectualismo (que pressupõe o poder de abstração do eu), mas, acoplado à vida sentimental, o pensamento se torna capaz de grandes esforços e deverá ser desenvolvido na escola de maneira adequada.

Entre os ‘alimentos’ do corpo astral figuram ideais, exemplos de figuras com sentimentos nobres e empolgantes. Os grandes heróis dos mitos e da história fecundam a imaginação e o idealismo, as vivências artísticas elevam a alma e o corpo inteiro, com sua intensa reserva de forças, quer ser o instrumento de impulsos volitivos (esporte), estéticos (dança, mímica), etc. A imaginação e a fantasia sentimental se projetam para fora, e nunca, mais tarde, as crianças saberão interpretar com tanto fervor em peças teatrais ou pequenas encenações de vivências próprias.

Nessa idade os perigos são múltiplos, mas o maior é a fixação do idealismo e da fantasia em figuras de valor duvidoso. Daí o efeito

nefasto de histórias em quadrinhos, da idolatria de bandidos. Horrível também é a influência dos meios modernos de comunicação, com seu baixíssimo nível moral, intelectual e artístico: tevê, rádio, revistas, etc. Os crimes que se cometem contra a criança nessa idade têm efeitos incalculáveis e definitivos.

Nessa idade, dos sete aos catorze anos, a personalidade já se afirma mais. Não se limitando a imitar, a se deixar permear, a criança quer agora idealizar, respeitar, venerar. A autoridade baseada no afeto, no amor, é a melhor relação pedagógica nessa idade, e o professor deve respeitar o eu de seus alunos, que se vai afirmando cada vez mais, e ao mesmo tempo procurar corresponder ao seu idealismo ainda meio inconsciente.

*

No terceiro período, dos catorze aos 21 anos, a parte que se desenvolve é o eu. Tendo alcançado sua plena maturidade, o indivíduo é considerado civil e penalmente responsável; passa a ser um membro aprovado da coletividade.

Com a evolução do eu, nasce a consciência da própria personalidade e, com ela, um sentimento de alienação e de separação dos outros. O indivíduo começa a ter uma vida íntima própria. O adolescente faz poesias, a mocinha escreve um diário íntimo. Depois da crise da puberdade, a vida sentimental, salvo influências negativas de fora, se sublima. O jovem começa a 'amar'. Ao mesmo tempo, seu idealismo se dirige para objetos mais elevados, mais abstratos: discussões filosóficas e metafísicas, ideais políticos e sociais povoam seu espírito.

Nessa altura, suas faculdades mentais estão plenamente desenvolvidas. Sem perigo de prejuízos, o pedagogo pode e até deve recorrer ao poder de abstração de seu aluno. Do mundo da alma, o jovem passa ao mundo do espírito. Dúvidas e problemas religiosos o atormentam; ele começa a criticar tudo. Uma educação bem dirigida não impedirá esse desejo de criticar, mas procurará evitar o cinismo e a negatividade, dando ênfase à necessidade de sempre respeitar o outro, de nunca esquecer a própria responsabilidade moral e social.

O término dos estudos escolares e universitários marca o fim desse terceiro setênio. Agora o ser humano está maduro para tomar seu destino em suas próprias mãos; mas até o dia de sua morte deveria conservar este apanágio de um verdadeiro jovem: saber aprender e corrigir suas próprias idéias.

*

Uma infinidade de problemas está relacionada com a evolução da criança e do adolescente. Ventilamos somente alguns, recomendando ao leitor a imensa literatura antroposófica sobre problemas da juventude e da pedagogia.*

Ao estudar a constituição da entidade humana, já deparamos com a polaridade entre forças vegetativas e intelectuais. Encontramos a mesma polaridade no indivíduo jovem. Enquanto, durante os primeiros sete anos, o organismo etérico deve dedicar-se à estruturação do corpo, qualquer esforço intelectual implica no desvio das forças etéricas para uma finalidade anormal. Daí a palidez, a anemia e a fraqueza orgânica das crianças às quais se ordena fazer esforços intelectuais e que são despertadas demasiado cedo. À medida que o intelecto aparece, a vitalidade diminui. Por outro lado, existem adolescentes gorduchos, sadios demais, de espírito sonolento; a esses é preciso aplicar uma enérgica terapia de esforços mentais para restabelecer um equilíbrio rompido em favor do outro lado.

Os movimentos são uma atividade própria da infância. Eles se metamorfoseiam igualmente em faculdades volitivas e intelectuais. Por isso, deve-se deixar a criança gesticular e mover-se de acordo com seus próprios impulsos. Só deve haver uma certa correção e coordenação (por exemplo, por meio de exercícios eurrítmicos) quando o educador percebe que os movimentos traduzem um espírito desequilibrado — pois assim como os movimentos traduzem certas qualida-

* Vide Rudolf Steiner, *A educação da criança segundo a Ciência Espiritual; Andar, falar, pensar / A atividade lúdica; Educação na puberdade / O ensino criativo*. V. tb. Wolfgang Goebel e Michaela Glöckler, *Consultório pediátrico — um conselheiro médico-pedagógico*; Bernard Lievegoed, *Desvendando o crescimento*.

des anímicas ou mentais, também estas últimas, por seu lado, podem ser influenciadas por uma atuação sobre os movimentos.

Em todas as fases do ensino deveria estar presente o elemento artístico, pois este constitui um contrapeso à excessiva intelectualização e à dinâmica fútil.

Entre os inúmeros problemas ligados à infância, destacaremos mais três:

1. Convém ou não o ensino de religião? Muitos pais que não mais acreditam nos dogmas das religiões tradicionais acham que seria desonesto educar seus filhos inculcando-lhes crenças que eles próprios repudiam. Opinião errônea, pois, assim como a humanidade percorreu extensas épocas de fé e de religiosidade, as crianças precisam viver num meio religioso. As imagens do Antigo Testamento, o belo ambiente de uma família que cultiva valores espirituais, a relação íntima e sagrada entre o homem e Deus, constituem, até a idade de catorze anos, elementos educativos de suma importância. Pouco importa que na idade da puberdade o adolescente abandone sua antiga atitude religiosa; ela terá contribuído para formar-lhe o caráter. Pouco importa, aliás, qual a religião em que uma criança vive. Elas têm, todas, essa influência benéfica, desde que os pais não a destruam pelo cinismo.
2. Muito se discute sobre o valor dos contos de fadas. Afirma-se que estes alienam a criança da 'realidade' e, devido a certos trechos cruéis, freqüentemente constituem um alimento espiritual de valor duvidoso. Aqui também devemos entender-nos melhor! Em primeiro lugar, os bons contos são aqueles que têm sua origem na vetusta sabedoria popular, como os recolhidos pelos irmãos Grimm. Contos 'compostos' intelectualmente não têm o mesmo valor. Por quê? Os verdadeiros contos de fadas contêm em suas imagens fatos e processos autênticos da evolução espiritual do homem. A criança extrai dos contos profundas verdades, embora numa forma primitiva mas, justamente por isso, adequada aos primeiros anos de vida. Um conto nunca deve ser lido, mas narrado, e além disso repetido em dias seguidos. A pessoa que conta deve saber que as

imagens transmitidas correspondem a uma profunda sabedoria popular; outrossim, deve falar como se acreditasse inteiramente em tudo o que está narrando. Os trechos mais cruéis não devem ser postos em relevo nem contados com abundância de detalhes sangrentos e requintes de sadismo; assim eles desempenharão a função de constituir o momento de maior tensão a partir do qual tudo corre para o desenlace feliz, a recompensa do justo, a punição do mau — cenas que nunca faltam. Os contos, com efeito, têm seu ritmo e sua dinâmica intrínsecos, que lhes conferem alto valor educativo.

3. Finalmente, uma palavra sobre as doenças da infância. Longe de constituir apenas infecções provocadas por bacilos, elas são, na realidade, indícios de uma certa evolução. Com efeito, a criança ‘recebe’ sua massa hereditária, isto é, seu corpo físico, de seus pais; e como seu eu escolheu esses pais, seu corpo será mais ou menos adequado à sua personalidade — mas apenas em termos.

Durante os primeiros anos de vida, existem certas tensões entre o corpo herdado e a personalidade, tensões que se vão acumulando até que, numa crise turbulenta e eruptiva, verifica-se uma descarga, um reajuste. Esse reajuste é a doença da infância: tem-se a impressão de que o eu joga fora algo superado. Ninguém nega que a presença do bacilo seja necessária para a doença irromper, mas que esta presença não é suficiente é provado pelos inúmeros casos em que os pais põem seus filhos sadios junto dos filhos doentes para também contraírem a doença, verificando-se então que algumas crianças não a contraem. Motivo: seu desequilíbrio ainda não atingiu o grau que faz necessária uma doença da infância.

Aliás, sabemos que essas mesmas doenças (as quais ocorrem uma vez só em cada vida) costumam ser benignas, sendo seguidas por um período de saúde e bem-estar notáveis; é como se a criança tivesse triunfado sobre um adversário. Quando ocorrem em adultos, as mesmas doenças da infância geralmente são graves. Isso se explica facilmente: na organização elástica e plasmável da criança, o reajuste se faz sem dificuldade; o corpo endurecido e a entidade mais individualizada e firmada do adulto lhe oferecem considerável resistência.

Desse ponto de vista, devemos enfocar de nova forma a praxe condenável de se querer impedir as doenças da infância. Melhor seria controlá-las e ajudar o corpo, por meio de remédios adequados, a ‘aproveitá-las’ da melhor maneira possível. Interrompê-las ou impedi-las é um sinal de comodidade — se não de covardia — dos pais e médicos, significando privar o organismo de um recurso natural para atravessar e vencer certas fases de tensão. Pode-se, naturalmente, criar uma criança nessas condições; mas o desequilíbrio que clama por um reajuste se tornará permanente, ou então procurará outro caminho de escape. É claro que falamos aqui das típicas doenças da infância, e não de males como a difteria, a paralisia infantil e outras.

Voltando à própria educação das crianças, convém frisar que ser educador (pai, mãe, professor) deveria constituir verdadeiro sacerdócio. Não há trabalho que exija mais idealismo do que aquele, hoje tão desprezado, de ‘simples’ professor. Além de ter a consciência de tudo o que está realmente acontecendo e de tudo o que ele próprio faz, o educador deve trabalhar constantemente em si próprio. Sua entidade deve estar sempre em evolução, aberta aos impulsos espirituais do alto. A responsabilidade de conduzir futuros homens ao seu destino final de seres humanos, de fazer desabrochar suas faculdades mais belas, corrigindo cuidadosamente os defeitos aparentes, é uma tarefa imensa que, além do mais, exige muita modestia: o educador nunca deve procurar formar a criança de acordo com sua própria imagem, mas adivinhar a feição da individualidade e fazer com que ela atinja e siga harmoniosamente o caminho que conduz a ela própria. Nunca o trabalho de educar deveria tornar-se rotina ou simples técnica. A personalidade do professor ou pai deve estar sempre empenhada em captar toda a personalidade do aluno.

A realização desses ideais pedagógicos é, hoje em dia, praticada nas chamadas Escolas Waldorf, fruto das idéias de Rudolf Steiner. São escolas que seguem uma orientação educacional dada por ele próprio, diferindo totalmente da adotada em outras escolas. A designação ‘Waldorf’ provém da fundação da primeira dessas escolas. Em 1910, Rudolf Steiner foi solicitado pelo diretor da fábrica alemã de

cigarros Waldorf-Astoria a fundar uma escola para os filhos dos operários e dar-lhe o fundamento pedagógico. Dessa escola, que passou a ser a famosa Escola Waldorf Livre de Stuttgart, nasceram as escolas existentes hoje em muitos países do mundo inteiro, nas quais se pratica um ensino baseado nos princípios pedagógicos idealizados por Rudolf Steiner, de acordo com seu profundo conhecimento da natureza humana.

Não nos aprofundaremos aqui no método educacional seguido nas Escolas Waldorf. A esse respeito existe abundante literatura, cujo estudo sugerimos ao leitor mais interessado. Queremos apenas chamar a atenção para o importante fato de a Antroposofia não ser apenas doutrina ou caminho de conhecimento, mas também, e sobretudo, fonte de realizações práticas. O fio das considerações nos levou a estender-nos sobre a evolução da criança e problemas de educação; da mesma maneira, poderíamos ter tratado das realizações práticas da Antroposofia em outros domínios da vida científica, artística e social. Sempre baseadas na Ciência Espiritual e em suas descobertas, existem uma medicina e uma farmacologia antroposóficas, uma ciência agrônômica e uma ampla pedagogia curativa para crianças excepcionais. No domínio econômico e social, um conjunto de princípios modernos e práticos aguarda sua realização em empresas industriais ou organismos sociais maiores; a formação de aprendizes, as relações humanas na indústria, tudo isso constitui objeto de aprofundadas pesquisas. Nas artes, a Antroposofia exerceu influências profundas, chegando até à criação de uma nova arte do movimento — a eurritmia, que por sua vez, além de ser arte pura, é usada para fins educacionais e terapêuticos. Valiosas descobertas no campo da física e da química foram feitas pela aplicação dos princípios da Ciência Espiritual Antroposófica. E assim por diante: não há campo da vida humana que não tenha recebido impulsos preciosos da Antroposofia, e isso apesar do tempo limitado decorrido desde sua fundação e do número reduzido de pessoas que, após a morte de Rudolf Steiner em 1925, souberam continuar sua obra pesquisadora e plena de realizações.

O caminho do conhecimento

Consideramos nosso dever proporcionar ao leitor alguns esclarecimentos, à guisa de respostas, à pergunta que ele certamente já vinha formulando desde os primeiros trechos deste livro: como é que se pode saber algo dos mundos superiores, e com que grau de probabilidade podemos admitir as comunicações feitas por Rudolf Steiner e outros a esse respeito?

Cabe aqui uma primeira observação. A própria Antroposofia indica os meios que permitem, em certas circunstâncias, verificar por experiência própria os fenômenos ocultos descritos por ela. Mas talvez a grande maioria dos homens não esteja interessada nem inclinada a seguir esse caminho. Muitos procurarão conhecer e compreender a Antroposofia e suas realizações, sem submeter-se a esse processo de iniciação. Essa atitude é perfeitamente compreensível.

Em matéria de ciência, a 'prova' da verdade (se é que podemos falar assim; na realidade, a ciência moderna passou a ser bem modesta em suas esperanças de descobrir a 'verdade') se faz pela verificação dos fatos e princípios cuja existência é afirmada. Não vamos entrar numa discussão estéril sobre o valor de tal 'verificação', já que as próprias escolas filosóficas divergem veementemente a esse respeito.

Fatos supra-sensíveis podem ser observados e interpretados apenas pelo vidente. Contudo, qualquer pessoa dotada de inteligência e bom senso pode compreender as descrições e interpretações fornecidas pelo vidente e indagar se estas se enquadram nos fenômenos normais da vida comum. Essa atitude objetiva, isenta de preconceitos, permite a todo homem sensato constatar o seguinte:

- 1) Os fatos supra-sensíveis afirmados pela Antroposofia formam um todo coerente, sem contradição intrínseca;
- 2) eles não estão em oposição ou desacordo com qualquer fato da nossa ciência comum;
- 3) eles explicam inúmeros fenômenos que a ciência comum é incapaz de explicar;

4) de maneira idêntica ou semelhante, tais fatos foram afirmados por todos os grandes iniciados de épocas passadas.

Nada disso constitui uma ‘prova’, no sentido comum do termo; mas não há dúvida de que a Ciência Espiritual Antroposófica possa satisfazer qualquer espírito crítico, devido ao seu alto grau de verossimilhança, à seriedade de suas atitudes, ao caráter científico de seus métodos e, principalmente, aos estupendos resultados obtidos por suas realizações práticas.

A vidência, que permite observar conscientemente fenômenos supra-sensíveis, não é, hoje em dia, uma faculdade comum; ela o era em tempos remotos, e o será novamente em tempos futuros. Nesse intervalo, a capacidade de vivenciar a realidade dos mundos superiores pode ser adquirida mediante uma transformação que consiste no despertar de órgãos de percepção superior, órgãos esses que fazem parte dos corpos não-físicos do homem. ‘Iniciação’ é o nome dado ao processo pelo qual se consegue esse despertar; existe uma vivência atávica e inata da qual não falaremos aqui.

O que caracteriza a iniciação antroposófica é o fato de esta procurar obter o despertar dos órgãos de percepção supra-sensível por um caminho inteiramente consciente. Nada permanece na penumbra de estados semiconscientes ou inconscientes, nem no enlevo de estados extáticos ou orgíacos. O homem que se encaminha pela senda da iniciação tampouco fica na dependência de qualquer hierofante ou guru.

Na Antigüidade, a iniciação era obtida nos mistérios dos templos e oráculos.* Durante anos o iniciando ou neófito recebia um ensinamento profundo, sendo submetido a um intenso treino da vontade, da perseverança, da coragem e outras qualidades. Chegado o momento da iniciação propriamente dita, seu mestre o fazia adormecer e, durante um sono de três dias e meio, manipulava o corpo etérico por meios mágicos, de maneira a quase separá-lo do corpo físico; isso o capacitava a acompanhar o eu em suas peregrinações pelos

* V. tb. Rudolf Steiner, *O cristianismo como fato místico e os mistérios da Antigüidade*.

mundos espirituais. Ao acordar, o candidato era um 'iluminado', pois o corpo etérico que acompanhara o eu tinha agora a lembrança de toda a realidade espiritual vivenciada por este. O iniciado sabia, nessa altura, por experiência própria, que o mundo espiritual existia. Por meio de novos exercícios, ele aprofundava ainda mais esses conhecimentos. A preparação anterior era necessária para permitir ao indivíduo suportar conscientemente tais vivências.

Essa iniciação era originalmente praticada na profundidade dos mistérios. Mais tarde estes se degeneraram, e somente alguns círculos muito fechados e secretos transmitiam a uns poucos escolhidos a sabedoria iniciática, enquanto a maior parte dos homens já se havia afastado do contato com os mundos superiores. Sempre houve fraternidades ocultas como os cabalistas, os cavaleiros do Graal ou os rosacruzes autênticos, ordens como a dos Templários, correntes heréticas como a dos cátaros, escolas filosóficas como a de Chartres e indivíduos 'místicos' ou alquimistas, desacreditados e perseguidos pelas religiões oficiais. A própria maçonaria era, originalmente, uma sociedade esotérica.

Hoje, o indivíduo que pretende seguir uma evolução iniciática não precisa pertencer a qualquer seita ou sociedade oculta. Sozinho, com plena consciência, ele pode, por meio de certos exercícios espirituais, elevar-se pouco a pouco à clarividência. Tais exercícios têm por finalidade o despertar gradativo dos órgãos da percepção supersensível; por meio deles se consegue uma transformação da substancialidade astral e etérica. Como aqui estamos em domínios não-físicos, o leitor não estranhará que atividades desse nível, como pensamentos, sentimentos, atitudes morais, etc. constituam instrumentos dessa transformação. Como no mundo físico, certos obstáculos desse domínio podem impossibilitar um processo qualquer ligado a ele; assim, certas atitudes ou atividades mentais, sentimentais ou morais errôneas podem tornar qualquer evolução iniciática impossível ou deturpar-lhe completamente o sentido e os resultados. Erros, falsas visões e enganos são o resultado de quem quer forçar um desenvolvimento oculto sem a observação de uma série de regras básicas. A não-observação de tais regras abre caminho à atuação de seres espirituais

interessados em impedir uma evolução iniciática correta e harmônica. Daí a possibilidade de ilusões e erros crassos, característicos de movimentos esotéricos charlatanescos e de práticas altamente condenáveis como o mediunismo e a vidência conseguida pela simples aplicação de substâncias químicas, como as drogas e os psicotrópicos modernos.

Nesta breve exposição, devemos limitar-nos a alguns aspectos gerais, e as linhas que se seguem pretendem apenas completar a imagem que o leitor já fez da Antroposofia. Para maiores detalhes, deve-se estudar as obras de Rudolf Steiner sobre esse assunto.

Antes de começar os exercícios propriamente ditos, o aluno espiritual deverá conseguir o domínio e a harmonização consciente de todas as suas faculdades mentais e anímicas. Isso parece fácil, mas o estudioso aplicado verá como é difícil essa harmonização.

Deve-se aspirar à perfeita serenidade dos sentimentos, vencendo qualquer impulso descontrolado de simpatia ou antipatia. A mesma serenidade deve reinar no pensar; ou, antes, o candidato deve esforçar-se por controlar, ao menos cinco minutos por dia, sua atividade mental de maneira tal que pense somente naquilo em que deseja pensar (tente o leitor dirigir seus pensamentos durante dois minutos para qualquer assunto, sem desvio algum; verá como esse exercício de aparência tão ingênua é, na realidade, difícil). A vontade deverá ser treinada por exercícios de perseverança. De maneira geral, o aluno espiritual deve abrir-se ao mundo, praticar uma atitude realmente positiva e equânime perante este, impregnando de amor e de consciência todos os seus atos.

Nada, nesses exercícios, implica numa fuga do mundo ou em estados de enlevo. Ao contrário, o aluno deve ser mais realista, mais positivo, mais consciente do que antes e continuar com zelo redobrado em todos os seus afazeres profissionais, familiares e sociais em geral. Aliás, de início esses exercícios se limitarão a alguns minutos por dia. É preciso, porém, regularidade e perseverança, que em si já constituem um exercício.

Sem praticar esse treino da harmonização de suas faculdades intelectuais, sentimentais e volitivas, o candidato procurará em vão o

desenvolvimento dos órgãos latentes de percepção superior, por meio de exercícios iniciáticos. Estes começam pela representação mental de certos símbolos, frases ou versos, sem que o aluno se deixe influenciar por qualquer impressão sensível e sem que seus pensamentos se desviem do objeto da representação. Essa concentração denomina-se ‘meditação’. Como fruto das meditações, inúmeras vezes repetidas com paciência, com a maior humildade espiritual e sem qualquer curiosidade, embora com plena consciência mental, o meditante pode ter uma sensação fugaz e indescritível de visões não-físicas, qual sonhos conscientes nos quais as imagens lhe vêm ‘de fora’. Como essa impressão se assemelha a uma imagem, esta primeira etapa se chama ‘consciência imaginativa’ ou ‘imaginação’. Ela é caracterizada pela transformação constante das ‘imagens’. Ao mesmo tempo, o candidato verifica que está num estado de alerta mental, e que seu pensar lhe parece realizar-se sem a intervenção do cérebro.

Mediante uma perseverança férrea, tais sensações, esporádicas no início, podem tornar-se mais freqüentes e regulares. Ao mesmo tempo se notará que o sono se torna mais consciente e mais transparente. Os sonhos parecem tomar um sentido mais concreto.

O vidente perceberá esse nascimento da clarividência num outro indivíduo mediante uma transformação da aura. Ao mesmo tempo, ‘verá’ que certos órgãos astrais do aluno se destacam mais do que antes. Trata-se de órgãos de forma ‘arredondada’ situados em sua maior parte no eixo do corpo, em alturas variadas. Esses órgãos, chamados ‘flores de loto’ ou chacras, tornam-se mais ‘luzentes’ e começam a apresentar movimentos rotativos.*

Essa clarividência persistirá somente durante a meditação. Nos intervalos, o homem voltará a seus afazeres costumeiros, procurando ainda mais o controle e a harmonização de suas faculdades. Com efeito, de certa maneira estas se disjuntam, sob a influência da iniciação; é como se o pensar, o sentir e o querer fossem caminhar em direções diversas ou até opostas.

* V. Rudolf Steiner, *O conhecimento dos mundos superiores — a iniciação*.

Já empregamos várias palavras como ‘arredondado’, ‘luzente’ ou ‘visão’ para descrever fenômenos supra-sensíveis. Trata-se, naturalmente, apenas de equivalentes de nossas impressões sensoriais. Pouco a pouco o aluno terá também vivências comparáveis ao calor, ao frio, aos sons, à luz, e notará que essas impressões sensoriais superiores correspondem a uma realidade ainda mais elevada, manifestada por meio dessas sensações.

Para chegar a essa realidade subjacente, ele deverá elevar-se a um grau mais alto de vidência, a chamada ‘consciência inspirada’ ou inspiração. Para isso o aluno espiritual procura eliminar, por um ato de vontade, os símbolos ou frases, objeto de sua concentração, concentrando-se no ‘vazio’ produzido por essa eliminação consciente. Se tiver sucesso, ‘perceberá’ seres espirituais que se escondiam ‘detrás’ das imagens do primeiro grau de vidência. É como se agora ele percebesse o vento, quando antes apenas ‘via’ os objetos movidos por este.

Nesse segundo grau de conhecimento superior, ele começará a ser capaz de ‘ler’ na acrônica do *Akasha*; estenderá seu campo de observação até sua existência anterior ao nascimento; conseguirá também ‘acompanhar’ os mortos em sua existência pós-morte.

Ao mesmo tempo, seu corpo etérico sofrerá uma transformação e desenvolverá órgãos novos. O iniciado verificará que correntes etéricas o preenchem, irradiando para fora de seu corpo. Sua própria aura se transforma e seu corpo etérico cresce para além dos limites do corpo físico.

O terceiro grau de consciência superior é o da intuição. O aluno tentará chegar a ele fixando a atenção em sua própria atividade mental, durante o tempo em que se concentra na meditação. A consciência intuitiva permitirá ao iniciado conhecer ‘por dentro’ os seres que, na inspiração, ele percebeu ‘de fora’. Ele penetrará neles e, por assim dizer, irá vivê-los, tornando-se ‘uno’ com eles. Isso lhe permitirá conhecer sua vida interior e seu estado de consciência. Ao mesmo tempo, pouco a pouco o iniciado se torna capaz de vivenciar as próprias encarnações passadas.

As três fases da iniciação — imaginação, inspiração e intuição* — não se seguem necessariamente uma à outra. Pode haver simultaneamente experiências pertencentes a vários graus de consciência. Porém sempre ao ‘voltar’ à consciência cotidiana o homem deverá viver uma vida normal, procurando fortalecer seu eu que continua ameaçado pelas tendências ‘centrífugas’ acima mencionadas.

Em seus estados de vidência, o iniciado vive agora nos mundos que seu eu iria percorrer normalmente apenas depois da morte. Entre as experiências mais incisivas estão dois encontros.

O primeiro coloca-o à frente do chamado ‘guardião do limiar’: é sua própria astralidade ainda imperfeita, o conjunto de suas forças anímicas impuras, o qual se lhe opõe, qual um sócia, barrando-lhe o caminho. Enquanto a visão desse monstro lhe aparece em sua meditação, o candidato sabe que ainda não está maduro para trilhar o caminho que leva às regiões superiores dos mundos espirituais.

O segundo encontro não é menos terrível. Desta vez, porém, é uma visão sublime, levando o homem a sentir a insignificância de seu ser. Trata-se de um ente brilhante, puríssimo, poderosíssimo que lhe aparece, aniquilando-o e elevando-o ao mesmo tempo. É uma visão do Eu Cósmico total, daquele ser que é como a personificação do eu humano ideal: o Cristo.

Aqui encerramos estas breves indicações relativas ao caminho iniciático. Palavras humanas não permitem descrever os mundos superiores. As experiências relatadas pelos iniciados são, na realidade, indescritíveis. Em tempos modernos, houve só um que as traduzisse em termos terrenos acessíveis ao raciocínio comum: foi Rudolf Steiner, que assim cumpriu a tarefa histórica de ser o iniciador de um movimento que, em tempos futuros, deverá levar o homem a uma reintegração consciente nos mundos superiores. Esse estado deverá ser alcançado quando o homem terminar sua missão terrena.

Vide Rudolf Steiner, *O conhecimento iniciático e Os graus do conhecimento superior*.

A Sociedade Antroposófica Universal

O movimento antroposófico tem por centro de sua organização terrena a Sociedade Antroposófica Universal, com sede no Goetheanum, em Dornach (Suíça). Ali é administrada a herança espiritual deixada por Rudolf Steiner. A Escola Superior Livre de Ciência Espiritual (*Freie Hochschule für Geisteswissenschaft*) continua a atividade de pesquisa e divulgação esotérica iniciada por Rudolf Steiner. Em inúmeros países existem sedes locais, onde os membros podem reunir-se para a prática de suas atividades antroposóficas.*

Pode tornar-se membro da Sociedade Antroposófica Universal qualquer pessoa, sem distinção de nacionalidade, profissão, religião e convicções científicas e artísticas, desde que considere como justificada a existência de uma instituição como o Goetheanum, em Dornach, na qualidade de Escola Superior Livre de Ciência Espiritual.

Segundo Rudolf Steiner, “a Antroposofia cultivada no Goetheanum produz resultados suscetíveis de fecundar a vida espiritual de qualquer indivíduo, seja qual for sua nacionalidade, profissão e religião. Tais resultados podem levar a uma vida social realmente assentada no amor fraternal. Sua adoção, como fundamento para a vida, não pressupõe qualquer grau de instrução científica, mas tão-somente o ser humano isento de preconceitos.”

* A Sociedade Antroposófica no Brasil foi fundada em 1982, tendo atualmente sua sede na Rua da Fraternidade, 156/168, Alto da Boa Vista — 04738-020 São Paulo – SP — Tel: (0xx11) 5687-4552 — Home page: www.sab.org.br — E-mail: sab@sab.org.br

Indicações bibliográficas*

- GOEBEL, Wolfgang / GLÖCKLER Michaela. *Consultório pediátrico — um conselho médico-pedagógico*. Trad. Ursula Szajewski et al. 3. ed., 2002.
- GOETHE, J. W. *A metamorfose das plantas*. Trad. Friedhelm Zimpel e Lavínia Viotti. 3. ed. rev., 1997.
- LANZ, Rudolf. *Antroposofia, Ciência Espiritual moderna*. 1989.
... *A Pedagogia Waldorf*. 8. ed., 2003.
... *Nem capitalismo nem socialismo*. 1990.
... *Passeios através da História à luz da Antroposofia*. 3. ed., 2004.
- LIEVEGOED, Bernard. *Desvendando o crescimento – as fases evolutivas da infância e da adolescência*. Trad. Rudolf Lanz. 3. ed., 2001.
- STEINER, Rudolf. *A ciência oculta*. Trad. Rudolf Lanz e Jacira Cardoso. 5. ed., 2001.
... *A Crônica do Akasha*. Trad. Lavínia Viotti. 2. ed., 2000.
... *A educação da criança segundo a Ciência Espiritual*. Trad. Rudolf Lanz. 3. ed., 1996.
... *Andar, falar, pensar / A atividade lúdica*. Trad. Jacira Cardoso. 7. ed., 2005.
... *De Jesus a Cristo: o sentido esotérico da Redenção*. Trad. Rudolf Lanz e Gerda Hupfeld. 1997.
... *Economia viva – o mundo como organismo econômico único*. Trad. Heinz Wilda. 2. ed., 1998.
... *Educação na puberdade / O ensino criativo*. Trad. Rudolf Lanz e Jacira Cardoso. 3. ed., 2005.
... *O anjo em nosso corpo astral*. Trad. Rudolf Lanz. 4. ed., 1996.
... *O conhecimento dos mundos superiores – A iniciação*. Trad. Erika Reimann. 5. ed., 2002.
... *O conhecimento iniciático*. Trad. Rudolf Lanz. 3. ed., 2000.
... *O cristianismo como fato místico e os mistérios da Antigüidade*. Trad. Rudolf Lanz. 2. ed., 1996.
... *O Evangelho segundo João – considerações esotéricas sobre suas relações com os demais evangelhos*. Trad. Jacira Cardoso. 2. ed., 1996.

* Publicações desta editora, incluindo notas bibliográficas do texto. (N.E.)

- ... *O Evangelho segundo Lucas – considerações esotéricas sobre suas relações com o budismo*. Trad. Edith Asbeck e Livia Landsberg. 2. ed., 1996.
- ... *O Evangelho segundo Marcos – considerações esotéricas sobre o Mistério do Gólgota*. Trad. Heinz Wilda. 1996.
- ... *O Evangelho segundo Mateus – considerações esotéricas sobre sua relação com os essênios*. Trad. Jacira Cardoso. 2. ed., 1997.
- ... *O Quinto Evangelho – revelações da Crônica do Akasha*. Trad. Bernardo Kaliks. 1996.
- ... *Os graus do conhecimento superior*. Trad. Lavínia Viotti. 1996.
- ... *Seres elementares e seres espirituais*. Trad. Sérgio Corrêa e Christa Glass. 3. ed., 2002.
- ... *Teosofia*. Trad. Daniel Brilhante de Brito e Jacira Cardoso. 7. ed. retrad., 2004.

